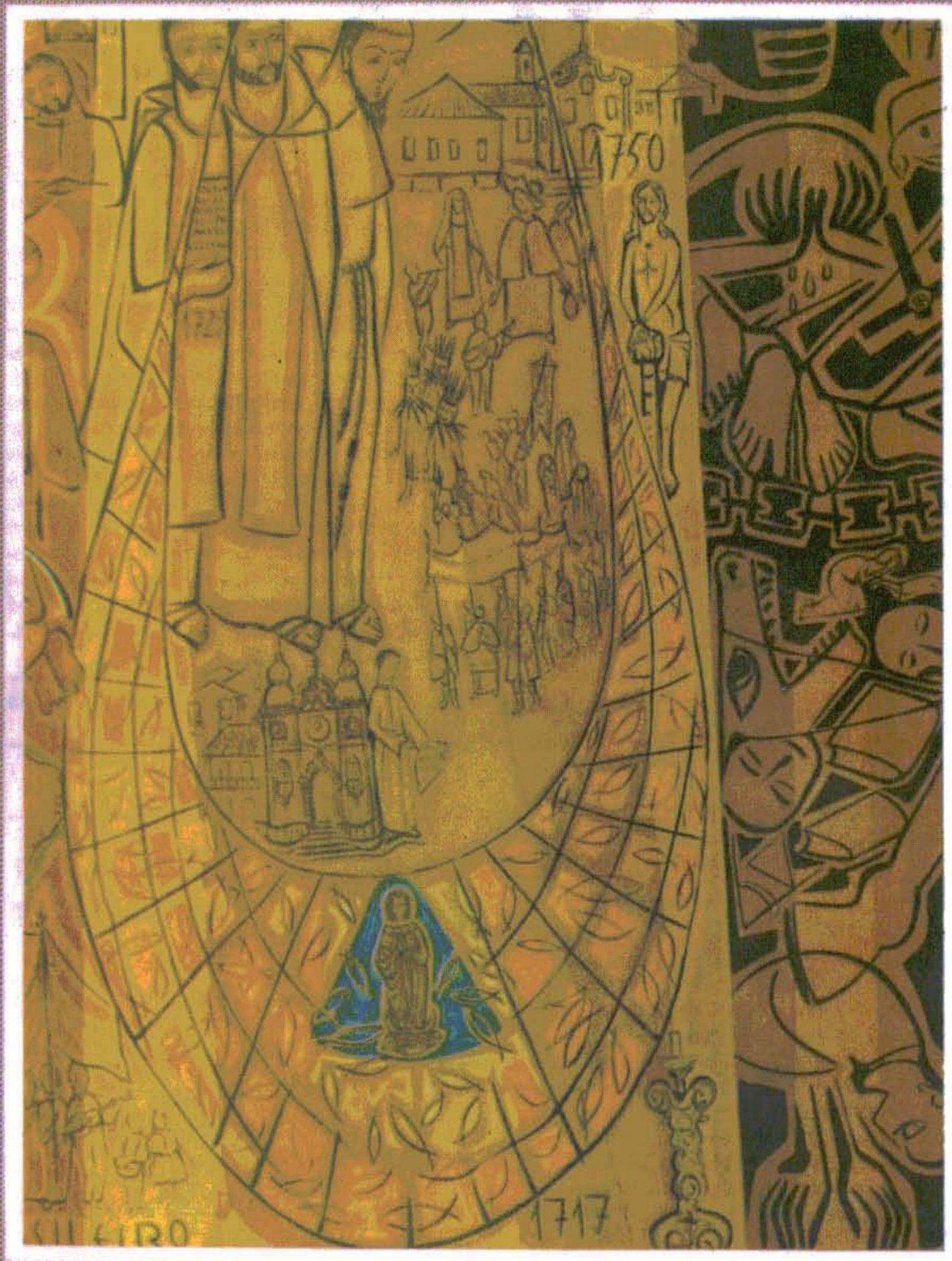


convergência

DEZ - 1993 - ANO XXVIII - Nº 268



- **PRÁTICA DA ORAÇÃO PESSOAL**
Irmã Maria Fátima Maldaner, SND - página 591
- **MODERNIDADE E VIDA CONSAGRADA**
Pe. Victoriano Baquero, SJ - página 632

CONVERGÊNCIA

Revista Mensal
da Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Coordenador:
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:
Pe. Ático Fassini, MS
Ir. Lina Boff, SMR
Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar
Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1993:

Brasil , taxa única:	
terrestre ou aérea	Cr\$ 425.000,00
Exterior: marítima	US\$ 45,00
aérea	US\$ 60,00
Número avulso	Cr\$ 42.500,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911-230 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro 25685-020 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 16: "Na extremidade esquerda da rede temos a presença de três ordens que também influenciaram profundamente a evangelização do país: um beneditino, um carmelita e um capuchinho. O beneditino é Frei Mateus da Encarnação Pinna, que se destacou em sua luta contra o jansenismo e traz em sua mão a "Defensio Purissimae et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae". Em 1750 temos a fundação do seminário de Mariana, organizado e regido pelos jesuítas. Estes foram expulsos do Brasil em 1759 e não puderam mais influenciar a religiosidade mineira. A religiosidade popular traduziu-se em formas mais folclóricas e intimistas simbolizadas pelo barroco, as "beatas",

as folias de reis, as irmandades (do Santíssimo, dos negros...) e a devoção das cinco chagas representadas pelo homem das dores. O barroco desta época foi caracterizado pela arquitetura e pela liturgia (Sé de São João del Rey e o candelabro), e pela música sacra com o Pe. José Maurício, mulato e mineiro. O Mural entra numa fase escura quando chega a data de 1759: expulsão de mais de 450 jesuítas do Brasil por parte do Marquês de Pombal. O Artista quis fazer uma "Guerica" brasileira, tamanhas foram a injustiça e as conseqüências nefastas para a vida social, cultural e religiosa do Brasil, com a expulsão violenta destes religiosos. Uma mão de ferro simboliza Pombal e a manipulação da maçonaria em todo esse assunto. A seguir uma mulher chora desconsolada diante da saída dos jesuítas. Uma pomba morta simboliza toda liberdade e doação extintas. Uma mãe se debruça chorando a sua filha assassinada, lembrando aquela frase de Voltaire: "acabemos com a filha (a Companhia de Jesus) e logo acabaremos com a mãe (a Igreja)". A seguir aparecem rostos macerados e famintos dos exilados. Um animal grita, abrindo aterrorizado a sua boca, diante de tamanha injustiça. A pata do cavalo simboliza o abuso do poder. Por fim, um jesuíta agoniado arranha a terra como para se esconder dentro dela ou para enterrar seu companheiro morto. A expulsão dos jesuítas marca uma fase obscura na história da Igreja no Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº P-209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	577
INFORME DA CRB	579
PRÁTICA DA ORAÇÃO PESSOAL Irmã Maria Fátima Maldaner, SND	591
VIDA RELIGIOSA EM CONFRONTO COM OS ÍDOLOS Pe. Darci Luiz Marin, SSP	605
UM SÍNODO PARA A VIDA CONSAGRADA Marcial Maçaneiro, SCJ	613
MODERNIDADE E VIDA CONSAGRADA Pe. Victoriano Baquero, SJ	632
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR Irmã Yolanda Nascimento, MJC	639

EDITORIAL

UM ROSTO NÍTIDO

Um convite à revisão de caminhada, um olhar sobre os dias passados, um respirar fundo para assumir o futuro que se aproxima no símbolo de um novo ano! Tudo isso são experiências que quase todos nós vivenciamos ao chegarmos ao final de mais um ciclo de 365 dias. Olhar a si, e ao vivido por si pessoal e comunitariamente, supõe simultaneamente rever a própria imagem, o próprio rosto, tocados no fluir dinâmico, na novidade do acontecer histórico, da projeção para a frente. Será que ainda somos os mesmos ou já não passamos de uma imitação, de uma 2.^a ou 3.^a edição, tão moderna quanto adulterada? Com tanta adaptação e renovação, experiências e tentativas de nos acomodarmos a este mundo novo, e ao próprio novo que desperta entre nós, ainda sobra algo que permaneça fiel à nossa vocação e carisma originais, revele ainda um rosto nítido?

A nossa identidade de consagrados não é para congelar ou encaixar num modelo determinado. É para viver numa relação dialética com a história, a vida real, os contextos culturais e sociais... Não é para plastificar como se faz com uma carteira de identidade. Nosso modo de ser exige espaço para adapta-

ções, acréscimos, atualizações. Só quem exercita a ginástica da adaptação é verdadeiramente fiel ao seu carisma, fundador, à nitidez do seu rosto. Uma identidade não dinâmica é uma desidentificação.

O novo, entretanto, não é uma invenção do nada. Ele traz em si mesmo uma ligação com o passado que o gerou e, até mesmo, o tornou possível. Uma relação madura entre ambos é chamada "tradição". O meu rosto de hoje, guarda uma vinculação profunda (até mesmo ao ponto de conservar em sinais físicos muito de minha história) com todos os rostos em que se expressou minha vida.

Fazer uma revisão ao final do ano, individual e comunitariamente, implica para a vida religiosa recuperar a nitidez do seu rosto atual, no Brasil e na América Latina, colocando-o na sequência de uma série de rostos já vividos e manifestados. Não é um trabalho de dinâmica de grupo, avaliação sociológica ou outra coisa que se queira ter como instrumento de leitura, mas, antes de tudo, uma **retomada espiritual** da experiência carismática no tempo. Por isto mesmo abre-se este número de CONVERGÊNCIA, com um artigo da

ir. Maria Fátima Maldaner snc sobre a "Prática da Oração Pessoal". É um texto situado em determinada espiritualidade mas que, nem por isso, deixa de nos introduzir em atitudes fundamentais que permitam que cresça em nós no Espírito e a partir do Espírito, o germen de Deus.

O que mais pode deformar a nitidez de um rosto é a imitação de ídolos, assumindo identidades que não são da pessoa, do grupo. P. Darci Luiz Marin ssp nos alerta para o fato de que apesar da idolatria ter uma história milenar de convivência com o ser humano, este nosso tempo apresenta sinais específicos de atuação desses ídolos em confronto com a vida de milhões de seres humanos, religiosos/as inclusive. Seria interessante que a nossa revisão do ano retomasse os sinais de desejo de lucro (em

suas diversas formulações), de individualismo, de dualismo ético apontados pelo autor!

E o próprio Sínodo é trazido como critério de leitura do ano que está a terminar no trabalho global de MARCIAL MAÇANEIRO scj sobre o texto preparatório dos LINEAMENTA.

CONVERGÊNCIA faz também sua revisão do ano. Vem ela expressada por ir. YOLANDA NASCIMENTO quando nos apresenta o Índice do que foi por nós publicado em 1993. É toda uma vida, toda uma história, todo um rosto expressado no texto e no interesse de tantos autores e autoras, para o bem de nossa vida religiosa, para o bem da nossa Igreja, para o bem do nosso povo.

P. Spencer Custódio Filho sj

Os jovens como verdadeiros parceiros

Venho a Denver para escutar os jovens aqui reunidos e para experimentar a sua inexaurível busca da vida. Cada um dos Dias Mundiais da Juventude é, sucessivamente, uma confirmação da abertura dos jovens ao significado da vida como dom recebido, um dom ao qual esperam com ansiedade poder corresponder, lutando por um mundo melhor para si mesmos e também para os seus semelhantes. Penso que estaríamos a interpretar corretamente as suas mais profundas aspirações, se dissessemos que aquilo que eles pedem é uma sociedade que os aceitem como verdadeiros parceiros na edificação de um mundo mais humano, mais justo e mais compassivo. Eles desejam poder contribuir, com as suas idéias e energias específicas, para esta tarefa. *João Paulo II, no aeroporto de Denver, EUA, no dia 11 de agosto de 1993.*

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

II SEMINÁRIO NACIONAL DE INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Tema central: VIDA RELIGIOSA — INSTITUIÇÕES DE SAÚDE: IDENTIDADE E MISSÃO.

Nos dias 09-14 de setembro de 1993, aconteceu o I Seminário Nacional de Instituições de Saúde em Curitiba (PR), promovido pela CRB através do Grupo de Reflexão de Saúde — (GRS). Com a presença de 100 religiosas(os) de todo o território nacional procurou-se refletir sobre a temática **Vida religiosa-Instituições de saúde: identidade e missão a partir da metodologia ver-julgar-agir com seguinte justificativa:**

A XVI AGO da CRB (julho de 1992) assumiu como objetivo Geral (1992-1995): "Aprofundar em todos os níveis, a identidade da Vida Religiosa, no seguimento de Jesus pobre, em sua preferência pelos pobres, no dinamismo profético dos carismas específicos, em comunhão com todo o povo de Deus e os pastores a serviço da vida, da justiça e da esperança."

O grande apelo é "aprofundar em todos os níveis a identidade da VR". O que significa isso na área da saúde e especificamente para a VR nas Instituições de Saúde?

Temos no Brasil um número expressivo de religiosas(os) que atuam em Instituições de Saúde. Constata-se um êxodo dessa realidade. Hoje mais do que nunca, frente as urgências da sociedade de doenças ("cultura de morte"), inovações técnico-científicas idolatradas (tecnolatria) sem nenhuma referência ética e desumanização crescente do cuidado, entre outros fatores, se pergunta com insistência e não sem angústia a respeito da identidade e missão da VR neste contexto.

Assumindo essas inquietações e em continuação ao I Seminário de Instituições de Saúde (Garibaldi — 1991), este II Seminário Nacional, procurou aprofundar justamente dois aspectos fundamentais do ser religioso — sua identidade e missão nas Instituições, bem como a própria Identidade e missão das Instituições de Saúde.

Sem dúvida faz-se necessário um conhecimento e leitura crítica da realidade das Instituições de Saúde no contexto maior da conjuntura nacional de saúde tendo em vista o confronto entre a tendência privatizante e o processo SUS no desdobramento da Municipalização, garantida na constituição de 1988, que em muitas localidades vem sendo pervertida pela politicagem da "prefeituraização". Acrescente-se a isso possível revisão constitucional próxima, com sérias tendências de anular conquista de

direitos sociais garantidos. Na análise desta conjuntura fomos ajudados pelo Pe. Christian de Paul de Barchifontaine, MI.

É importante frisar também que uma visão histórico-social evolutiva das instituições de saúde e da medicina nos ajudou a entender a problemática de hoje, para não cairmos facilmente em simplismos dogmáticos frente a complexidade da situação que exige várias matizações e perante a qual não temos soluções mágicas. Nesta tarefa a Ir. Dra. Maria Helena Guariento apresentou uma contribuição preciosa.

Do bojo dessa realidade emergem inevitavelmente algumas questões muito sérias entre outras levantamos: a) As Instituições de Saúde pertencentes e/ou administradas por religiosas(os) servem a quem?; b) Estão abertas a comunidade ou simplesmente na estratégia de sobrevivência em tempo de crise, acabam elitizando seus serviços utilizando-se necessariamente de técnicas e especialidades de última geração e consequentemente afastando as pessoas mais carentes da comunidade?; c) Estas instituições cultivam uma filosofia marcadamente cristã ou o Mercado acaba sempre elegendo as prioridades?; d) Existe o empenho de se ter uma Pastoral da Saúde que envolva toda a realidade hospitalar (doentes, familiares e profissionais) e comunidade? e) Como são encaminhadas as questões éticas ligadas ao nascer bem como aquelas ligadas ao paciente terminal?

No que toca à VR enquanto tal, a respeito da razão de ser e presença na realidade institucional: a) Que educação (ético-teológica e técnico-científica) as(os) religiosas(os) recebem?; b) Que

testemunho evangelizador transparece?; c) Que mística deve alimentar o ser e agir da(o) religiosa(o); d) Por que as gerações mais jovens de religiosas(os) não mais se entusiasmam em marcar presença neste contexto?

Nesta perspectiva inquietadora os objetivos específicos deste seminário foram os seguintes: a) Analisar criticamente a conjuntura atual das Instituições de Saúde frente à política Nacional de Saúde e como esta situação interfere na identidade e missão da VR e Instituições de Saúde; b) Oferecer espaço de reflexão sobre o ser religioso nos serviços de saúde institucionalizados; c) Ajudar as(os) religiosas(os) a refletir sobre uma Filosofia que explicita os valores evangélicos das Instituições de Saúde, à luz dos clamores do povo, caminhada de Igreja e pluralidade dos carismas; d) Levantar pistas de ação em relação a questões éticas no contexto hospitalar que ferem a dignidade humana; e) Oferecer subsídios para organização da pastoral da saúde em ligação com a comunidade e finalmente partilhar experiências e celebrar a caminhada.

No julgar (perspectiva ético-teológica) o Pe. Leocir Pessini, MI, apresentou oito (8) questões fundamentais no processo de reflexão ético-teológica sobre VR-Instituições de Saúde: identidade e missão. São elas: 1) Lucidez crítica frente a realidade (espírito de discernimento); 2) Filosofia da Instituição-valores e princípios que formam o nosso credo e inspiram a missão; 3) Educação e especialização das(os) religiosas(os); 4) Gerenciamento das Instituições à luz da administração científica que prime pelo aspecto humano-ético-pastoral. 5) Protagonismo dos leigos em cargos "chaves" com formação puramente técnica sem

qualquer referência a valores ético-religiosos; 6) A Instituição de saúde como espaço para reflexão ética e solidariedade pastoral organizada; 7) O desafio do cultivo de uma espiritualidade exodal e finalmente; 8) pistas de uma ética missionária num contexto pluralista, ecumênico que poderíamos chamar de "terra de missão".

Nas conclusões do seminário (agir) foi elaborado o seguinte objetivo geral:

"Aprofundar a mística do Reino em nosso ser religioso a partir do testemunho de valores humanos, éticos e teológicos para sermos sinal de esperança nas instituições de saúde e atual contexto sócio-político e econômico, promovendo vida."

As três propostas de ação para atingir este objetivo foram assim delineadas:

1) Visando a formação da consciência crítica, aprofundar nossa mística e nos atualizar sobre a conjuntura de saúde e questões de bioética.

2) Vivenciando e tornando conhecida a Filosofia da instituição hospitalar, integrando os leigos como protagonistas na missão evangelizadora.

3) Integrando a instituição hospitalar com a comunidade, nos vários níveis de atuação e demanda dos serviços de saúde.

O próximo seminário sobre instituições de saúde está previsto para acontecer daqui a dois anos (1995), em local e temática a serem definidos proximamente a partir das sugestões colhidas junto aos participantes deste evento.

Pe. Léo Pessini, MI, Membro do GRS Nacional — CRB.

DOM ORLANDO DOTTI, Presidente da Comissão Pastoral da Terra

Por vontade da IX Assembléia Geral da CPT, reunida em Goiânia, assumimos, juntamente com Dom Jorge Marskel, a direção desta entidade.

Queremos reafirmar nossa estreita comunhão com as Igrejas e entidades que solidariamente participam em nossa ação pastoral e no "compromisso evangélico de promover a dignidade do homem e da mulher do campo".

De acordo com os recentes dados do IPEA, grande parte dos miseráveis do Brasil ou estão no campo ou são fruto do êxodo rural. Tomados de compaixão diante do sofrimento do povo, queremos revestir-nos da solicitude de Cristo pelos empobrecidos e excluídos do acesso condições de vida humana.

Nesta pastoral, denominada de fronteira, caracterizada pelo serviço à vida em situações limite, é muito importante a solidariedade de todos os que acreditam no Deus vivo e de todos os que lutam na esperança de um mundo novo.

Rogamos que nos ajudem a superar nossa fraqueza e encontrar o caminho que a História e o Evangelho nos apontam para melhor podermos servir nossos irmãos lavradores.

Cristo Jesus, Senhor da Vida, Ele "ontem, hoje e sempre", seja nosso caminho e luz.

Em Cristo, irmão menor,

Fraternalmente,

D. ORLANDO O. DOTTI

A LUTA PELA TERRA E A LUTA NA TERRA

Comunicado da 9ª Assembléia Nacional da CPT.

Realizamos em Goiânia, Goiás, a 9ª Assembléia Nacional da Comissão Pastoral da Terra — CPT, com 121 participantes, entre delegados católicos e evangélicos — lavradores e lavradoras, religiosas, sacerdotes, pastores e bispos —, assessores e representantes de entidades afins.

As avaliações feitas pelos 20 regionais da CPT e os testemunhos dados, na Assembléia, pelos lavradores e lavradoras presentes, nos desenharam a dramática situação do campo brasileiro. Ele está especialmente submetido a todas as conseqüências de exclusão das maiorias, eixo básico do modelo neoliberal que nos domina. Mas esses testemunhos mostraram também o arcóris de criatividade e organização com que o povo contesta esse modelo assassino.

PROJETOS DE MORTE

A política agrícola só chega, com suas verbas e privilégios, aos monopólios econômicos e políticos, às grandes empresas, ao latifúndio explorador, sempre socialmente improdutivo, e às "indústrias" da seca, da irrigação e das barragens. A Reforma Agrária saiu inclusive do vocabulário da política oficial.

Agravou-se em todo o país a violência contra o povo lavrador, como o demonstra nosso relatório anual "Conflitos no Campo 2". Praticada pelas forças do latifúndio e seus pistoleiros, essa violência conta, cada vez mais, com a

cobertura de autoridades e até com a participação direta de policiais. E cresce a impunidade dos assassinos e seus mandantes, pela morosidade ou conivência de muitos setores do poder judiciário.

O abandono programado com que a política oficial trata o povo lavrador, vem agravando as condições de vida e de trabalho dos assalariados rurais. Essa política chega agora ao extremo de negar a milhares de camponeses até seus direitos previdenciários, por causa de uma absurda burocracia discriminadora.

O Nordeste sofre a maior seca do século em número de atingidos. Continua marginalizado e proibido pela política local e pelas esmolas oficiais. O Brasil dos grandes se nega a assumir, de uma vez por todas, a viabilidade econômica e social do Nordeste e a contribuição cultural específica da Região, demonstradas pelo documento do Fórum de Ação Permanente para o Semi-Árido do Nordeste Brasileiro.

Em outubro, terminou o prazo constitucional para a demarcação das terras indígenas no País. Mais da metade dessas terras espera ainda a demarcação, quando 80% das demarcadas já estão sendo invadidas ou violadas por madeiras, mineradoras e outros intrusos.

Uma nova e gravíssima ameaça paira agora particularmente sobre a população camponesa, assim como sobre as conquistas legais básicas de toda a população brasileira: o propósito inconstitucional e perverso da maioria do Congresso de fazer uma ampla revisão da Constituição Nacional. Essa Constituição, para nós, já é precária, e não foi ainda implementada nem regulamentada.

A CAMINHADA DA VIDA

Esta Palavra de Deus, convidando ao banquete do Reino os marginalizados e excluídos, iluminou e animou nossa Assembléia. A fé nesse convite vem suscitando no meio do povo camponês as mais inspiradas iniciativas de política agrário-agrícola alternativa, de **luta pela terra e luta na terra**: resistência ao latifúndio e à violência, ocupações, assentamentos, as mais diversas associações comunitárias, produção básica que ainda alimenta grande parte da população brasileira, comercialização direta e agropecuária que preserva o meio ambiente e é socialmente sustentável.

É também a Palavra de Deus quem nos convoca à convivência e à pastoral ecumênicas, como irmãs e irmãos numa fé comum. Dentro da nossa diversidade de experiências religiosas e culturais, caminhamos no desafio de sermos efetivamente "todos um" (Jo 17,21)

OS COMPROMISSOS DE NOSSA ESPERANÇA

Nesta conjuntura de vida e morte, de exclusão oficial e de participação alternativa, a CPT, impulsionada por sua esperança cristã, renova, em todos seus níveis, a opção pelo povo do campo, dentro das seguintes **Diretrizes e Linhas de Ação**:

- * luta em favor da conquista popular da terra e por condições de vida digna na terra;

- * apoio e assessoria aos movimentos e organizações de trabalhadoras e trabalhadores do campo;

- * investimento na formação integral de trabalhadores e agentes pastorais e

na melhoria da informação para os mesmos;

- * aprofundamento da vivência cotidiana da fé e da prática crescente do ecumenismo;

- * abertura de espaços da solidariedade concreta com os povos indígenas e com todo o povo lavrador de Nossa América e de outros povos do Sul, assim como a luta por uma verdadeira integração latino-americana.

Celebramos, neste ano, o **Centenário de Canudos**, testemunho heróico da resistência do povo nordestino e da possibilidade de fazer do Nordeste "a terra prometida aos nordestinos". Antônio Conselheiro e seus seguidores passaram por nossa Assembléia! Redescobrimos Canudos como inspirador também da viabilidade de uma sociedade alternativa, assentada na fé religiosa e na socialização partilhada da utopia, dos bens e do trabalho. Fazemos palavra de ordem para nós o grito profético do Conselheiro: "**A terra não tem dono; a terra é de todos.**"

Com todo o povo lavrador do Brasil, suas entidades representativas e organizações solidárias, convocamos, com maior convicção e premência, toda a sociedade civil a um movimento permanente e eficaz em favor de uma Reforma Agrária Integral, única solução definitiva para a "**fome e a miséria**" do País. E reivindicamos, para todos as lavradoras e lavradores do Brasil, a **plena cidadania rural**.

Nesta esperança e para essa luta contamos com o sangue de nossos mártires e com a força e a ternura do Deus da Terra e da Vida.

DIRETRIZES E LINHAS DE AÇÃO DA CPT (Biênio 1993/95)

“Vão às encruzilhadas e convidem para a festa todos os que encontrarem.”
(Mt 22,9).

I — LUTA PELA TERRA E NA TERRA

1 — Cultivar uma verdadeira paixão pela terra e lutar criativamente pela terra e na terra:

2 — Assumir com outras organizações do campo ou da cidade, a luta pela terra, como resistência, conquista e permanência e colaborar numa autêntica Reforma Agrária, como processo de uma transformação social integral garantindo a plena cidadania;

3 — Valorizar, incentivar e interligar formas alternativas de organização, produção, comercialização, saúde, educação e transporte, em contraposição à lógica capitalista do lucro pelo lucro;

4 — Promover a solidariedade às famílias dos trabalhadores e trabalhadoras nos conflitos e denunciar a violência, apoiando a prevenção, autodefesa e segurança da vida;

5 — Promover campanhas e ações que visem o julgamento e a condenação dos responsáveis pelos crimes e pela violência no campo com o fim da impunidade;

6 — Assumir e repensar globalmente a luta pela terra de forma criativa e solidária, cooperando na elaboração de planos de desenvolvimento alternativos, com políticas públicas adequadas, tendo em vista as realidades diferentes e

as experiências acumuladas pelo movimento a nível local e nas Grandes Regiões;

7 — Conhecer a legislação agrária e agrícola, cobrando do Congresso Nacional as mudanças que se fazem necessárias e repassando informações aos trabalhadores e trabalhadoras;

8 — Assumir, apoiar e colaborar na implementação da causa dos excluídos, especialmente dos(as) assalariados(as) rurais, em relação a todos os seus direitos sociais, a partir da realidade de cada região;

9 — Apoiar a demarcação e titulação das terras dos remanescentes de quilombos, assim como a demarcação e homologação das terras indígenas e das reservas extrativistas;

10 — Estar presente nas lutas dos trabalhadores e em suas diferentes formas de organização:

a) Sendo presença solidária, celebrativa e animadora;

b) Acompanhando, informando e assessorando-os em vista do seu crescimento e autonomia, priorizando algumas áreas e tendo em vista um projeto global;

c) Buscando alianças com as entidades e instituições que atuam no campo e na cidade e com propostas afins;

11 — Reforçar as iniciativas e organizações de mulheres, jovens, assalariados permanentes e sazonais, de acordo com suas necessidades específicas.

SUGESTÃO: Promover um seminário para discutir a legislação agrária e agrícola.

II — FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

1. a) Promover uma constante formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e agentes de base, a partir das situações concretas e de suas culturas, valorizando a dimensão pessoal, familiar, comunitária e religiosa;

b) Ampliar o número de agentes da CPT em todos os níveis de atuação;

c) A partir da ação de agentes, lavradores e lavradoras, atingir a população que não participa das organizações, através dos momentos mobilizadores;

2. Sistematizar e divulgar as experiências alternativas da vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, sua resistência e luta pela terra e na terra;

3. Promover uma assessoria que ajude a permanência dos trabalhadores e trabalhadoras na terra, articulando-se com outras entidades afins que cuidam do trabalho formativo e de assessoria;

4. Promover processo permanente de formação para os agentes da CPT, proporcionando momentos de atualização e partilha;

5. Recuperar a memória da luta pela terra e na terra e a história da CPT nesta caminhada;

6. Elaborar e intercambiar material para/com os trabalhadores e trabalhadoras rurais, em linguagem popular, valorizando suas formas de expressão;

7. Ocupar espaços nos meios de comunicação de massa.

III — FÉ, ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

1. Na luta pela terra e na terra, aprofundar a nossa fé como fonte e moti-

vação da caminhada, desenvolvendo a leitura da Bíblia a partir da vida dos pobres, dialogando e ampliando as concepções existentes sobre as diferentes culturas, religiões e etnias;

2. Vivenciar e valorizar a fé própria dos pobres da terra, a partir da mística e da religião do povo, como força e resistência e transformação profética da sociedade;

3. Buscar a superação das barreiras que impedem e dificultam o ecumenismo, visando tornar-se uma entidade profética para a sociedade e, principalmente, para as Igrejas, a partir do problema da terra.

4. Assumir o ecumenismo como atitude de vida, dinamizando a colaboração e comunhão entre as Igrejas cristãs e outras religiões para que sejam serviço aos pobres da terra.

IV — SOLIDARIEDADE ATIVA ENTRE OS TRABALHADORES E COM OS OUTROS POVOS DO SUL

Definir uma política solidária de relações internacionais que tenha como base:

1. A luta pela terra dos povos do Sul, principalmente entre os povos da América Latina e Caribe e do continente africano, pela sobrevivência e auto-afirmação cultural e religiosa;

2. A posição da CPT numa política comum junto com as entidades e instituições afins, frente ao Mercosul e à problemática dos "brasiguais", "brasivianos" e outros;

3. O relacionamento fraterno com as comunidades e entidades que apóiam

lutas dos trabalhadores, e também para informar e denunciar investimentos opressores do capital internacional;

4. O estreitamento das relações entre a Comissão Pastoral da Terra e as Pastorais Indígenas, de Defesa dos Direitos Humanos e outras;

5. A garantia de espaços em suas assembleias regionais e nacional para a participação de representantes de outros povos do continente;

6. Celebração das datas marcantes da caminhada de libertação da nossa América;

7. A criação de um espaço internacional de divulgação de notícias referentes à luta pela terra e na terra — no Brasil e nos países de nossa América — e, de acontecimentos relativos aos povos do Sul, para a população brasileira.

DESTAQUES

1 — NO COMBATE À FOME

Apoiar as iniciativas que visam combater a fome e a miséria, dando especial atenção às que propõem mudanças estruturais na sociedade, como a Reforma Agrária.

2 — NA PROBLEMÁTICA DO MEIO AMBIENTE

Dar atenção à problemática do meio ambiente para que seja tratado como questão vital da humanidade, se opondo ao desenvolvimento destruidor que vitima as populações envolvidas e trabalhando alianças com grupos ambientais que defendem a reforma agrária e a agricultura socialmente apropriada.

ORGANISMOS DO POVO DE DEUS

2.^a Assembléia Nacional

Itaici, SP, 7 a 12 de outubro de 1993. Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Pistas e Compromissos.

VIDA RELIGIOSA: Nova Evangelização, Promoção Humana e Evangelização Inculturada.

Pistas:

Nós religiosos(as), à luz de Santo Domingo, trabalhando a temática "Nova Evangelização, Promoção Humana e Evangelização Inculturada" da 2.^a Assembléia dos Organismos do Povo de Deus no Brasil, destacamos as seguintes pistas e compromissos em sintonia com o objetivo geral e as linhas de ação da Vida Religiosa no Brasil, hoje.

1 — NOVA EVANGELIZAÇÃO

1.1. Leigos

A) Pistas

1. Valorizar a **solidariedade básica** entre Religiosos(as) e Leigos(as), a partir do batismo, numa eclesiologia de comunhão, participação e missão.

2. Implementar a **Inserção dos(as) Religiosos(as)** no meio popular e nas situações de fronteira.

3. Como nós religiosos(as) temos a maior possibilidade de estar disponíveis, e temos saber e recursos acumulados, devemos socializar tudo isso a serviço do protagonismo dos(as) leigos(as): nossa presença, bibliotecas, espaços, escola da fé.

4. Acolher os(as) Leigos(as) que desejam **partilhar do carisma e da missão**

de nossas diversas congregações, mas num sentido de serviço ao Reino.

5. Favorecer, profeticamente, o **diálogo evangélico** entre hierarquia, Religiosos(as) e Leigos(as).

B) Compromissos

— Crescer na solidariedade com o empobrecido, mudando de lugar social, cultural e mesmo geográfico, cultivando a mística do serviço da acolhida e da promoção de lideranças.

— Não nos afogar em múltiplas atividades mas engajar-nos em ações que geram processos.

1.2. Família

A) Pistas

1 — Assumir o fato de que **não há mais um conceito unívoco de família**, pois o mais comum no povo é a diversidade de organização familiar.

2 — Proporcionar elementos para uma **forte mística de família**, em seus diversos modos de concretização, assumindo também nesta mística o conflito real da família de hoje.

3 — Criarmos **espaços de diálogo** entre as diversas concretizações da família para intercambiarem suas experiências, crises e buscas de solução.

B) Compromissos

1 — Maior inserção no contexto das famílias para sermos presença e ao mesmo tempo serviço a elas em suas realidades específicas.

2 — Solidariedade afetiva e efetiva com as famílias em suas situações concretas.

1.3 — CEBs

A) Pistas

1 — Implementar a **formação inicial e permanente** dos(as) religiosos(as) a partir da inserção popular, privilegiadamente nas CEBs.

2 — Ser **presença ativa**, como religiosos(as) no diálogo e articulação entre CEBs, pequenas comunidades, movimentos e hierarquia.

3 — Assimilar pessoal e comunitariamente **os conteúdos do Projeto "Tua Palavra é Vida"** para qualificar a nossa presença, com mais visão, na reflexão-ação das CEBs e em sua caminhada ecumênica.

B) Compromissos

— Motivar a presença participativa de religiosos(as) nas CEBs e nos Encontros Inter-eclesiais locais, regionais e nacionais.

2 — PROMOÇÃO HUMANA

2.1 — Empobrecimento, justiça e solidariedade

A) Pistas

1 — Integrar-se nas iniciativas de combate à fome e da educação para a cidadania superando assim a ação puramente assistencial. (Por exemplo: Jusol" = justiça e solidariedade; Grupos = Grupos de religiosos inseridos nos meios populares). Integrar as pastorais sociais.

2 — Apoiar e participar dos diversos conselhos de interesse popular: saúde, saneamento, moradia, combate à fome e à miséria.

3 — Articulação de uma ação conjunta inter-cogregacional.

4 — Enfatizar a mística da promoção humana durante o processo de formação.

B) Compromissos

1 — Abrir espaços da Vida Religiosa às organizações e lutas do Povo.

2 — Comprometer-nos com as semanas sociais em todas as suas etapas.

3 — Articular nossas congregações e organismos (CRB, CLAR, INTERAMERICANA, UISG, USG) para a reflexão e ação concreta na luta contra o empobrecimento do 3^a mundo, fruto do neo-liberalismo.

2.2 — Ética e Política

A) Pistas

1 — Estimular os organismos de base e os indivíduos à participação política proporcionando-lhes formação que propicie presença mais intensa na vida.

2 — Aproveitar a condição laical da Vida Religiosa feminina e masculina para melhor atuação no campo político, que tem sua autonomia.

3 — Fomentar permanentemente o estudo da ética como meio de reagir à corrupção política.

4 — Apoiar os movimentos que lutam pela ética na política.

B) Compromissos

1 — Urgir a realização de encontros de estudo do Ensino Social da Igreja estimulando o que prega Santo Domingo a respeito da coerência entre fé e vida.

2 — Formar os agentes de pastoral, Religiosos(as) e Presbíteros para o pluralismo político.

2.3 — Defesa da Vida

A) Pistas

1 — Recuperar a dimensão profética da Vida Religiosa no contexto neo-liberal em defesa da vida.

2 — Articular as organizações que atuam no campo social, unindo forças.

B) Compromissos

1 — Engajamento efetivo na campanha contra a fome, colocando pessoas, dinheiro e locais à disposição.

2 — Incentivo às organizações populares na descoberta de soluções alternativas no campo da saúde, educação, produção de alimentos e outros.

3 — Resgate da identidade da Vida Religiosa, ocupando as situações de fronteira (aidéticos, rua, prostituição, periferias, leprosos, menores, etc.).

3 — EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

3.1 — A Igreja na cidade

A) Pistas

1 — Aprender a ver a cidade na perspectiva dos marginalizados.

2 — Resgatar identidade cultural da Vida Religiosa, tendo em conta o desenraizamento que se verifica nela desde a Formação Inicial.

B) Compromissos

1 — Rever a forma de presença de nossas obras nos espaços urbanos.

2 — Incentivar a partilha nas novas inserções da Vida Religiosa, sobretudo

no mundo do trabalho e das novas formas de pobreza.

3.2 — Culturas (afro-brasileiras, indígenas e mestiça)

A) Pistas

1 — Priorizar — na formação permanente e inicial — as diferentes dimensões culturais.

2 — Integrar elementos das diversas culturas em nosso estilo de vida, de oração, em nossas obras e nossas opções de trabalho pastoral.

3 — Criar e fortalecer os grupos de Religiosos(as) Negros(as) e Indígenas (GRENI).

B) Compromissos

1 — Assumir o processo da inserção na perspectiva do compromisso com as culturas oprimidas e da inculturação do Evangelho.

2 — Apoiar os compromissos do 8º Intereclesial e do Mutirão da Vida Religiosa para com os povos indígenas e afro-brasileiros.

3.3 — Comunicação Social

A) Pistas

1 — Formar para a L.C.C. (Leitura Crítica da Comunicação).

2 — Incentivar a utilização pelos(as) Religiosos(as) dos MCS e meios alternativos: Rádio e Teatro Populares, Vídeo, Boletins, Jornal Mural...

B) Compromissos

1 — Capacitar as(os) Religiosas(os) como agentes da Comunicação.

2. Buscar uma ação integrada das(os) Religiosas(os) entre si, com outras de-

nominações Religiosas, com Movimentos Populares e outras iniciativas no campo da mídia.

4 — RECOMENDAÇÕES que a Vida Religiosa vê como pistas para a nossa Igreja.

4.1 — Julgamos necessário que a Igreja faça um estudo aprofundado da situação criada pela rápida implantação da proposta neo-liberal e da economia de mercado, de maneira a ajudar os cristãos em sua ação na sociedade e a própria ação pastoral da Igreja, no campo social, a uma defesa mais efetiva dos interesses e direito das maiorias de nosso povo excluídas por esse sistema.

4.2 — Pedimos a todos os organismos do povo de Deus que por ocasião do sínodo dos bispos sobre a Vida Consagrada, ajudem a Vida Religiosa no Brasil a tomar mais consciência de sua missão na Igreja, na sociedade e na cultura a partir da reafirmação histórica dos elementos que constituem a sua identidade hoje.

4.3 — Considerando que 70% da Vida Religiosa é constituída por mulheres sentimos ser nosso dever expressar nossa convicção de que:

— a questão da mulher não encontrou ainda seu indispensável espaço dentro de nossa Igreja, em seus vários níveis e dimensões, e que essa é condição para que a Igreja possa defender e falar com autoridade sobre as violências e a negação dos direitos da mulher por parte de nossa sociedade.

4.4 — Que a CNBB faça uso de canais adequados para esclarecer nosso povo de que a sociedade civil tem direito ao acesso aos M.C.S., como um

bem público, garantido pela Constituição Federal.

4.5 — Que a Igreja faça melhor uso de seus próprios meios de comunicação; que prorure uma melhor formação profissional de seus comunicadores, a fim de possibilitar informações sérias e seguras ao Povo de Deus. A utilização, quando necessária, dos grandes meios, seja feita, através de matéria paga, para evitar manipulação e reducionismo.

4.6 — Diante de algumas manifestações de insatisfação expressas em nossa 2ª Assembléia a respeito de aspectos de comportamento de nossos presbíteros religiosos e diocesanos, manifesta-

mos nossa preocupação quanto à sua formação humana, pastoral e teológica — espiritual no que não corresponde ao novo modelo de Igreja, comunhão e participação, exigido hoje na nova evangelização.

4.7 — Como membros do Povo de Deus, sejamos todos conscientes e ativos na construção de uma Igreja comunhão e participação toda ela ministerial. Sentimos que é necessário superar em todos nós, especialmente nos que têm o ministério ordenado, modos de pensar e agir que não colaboram no sentido de um serviço evangelizador dentro das necessidades do Povo de Deus hoje. □

Condições quase universais de dificuldades

O bem-estar das crianças e dos jovens deve ser objeto de profunda solicitude para todas as pessoas que têm responsabilidades públicas. Nas minhas visitas pastorais à Igreja em todas as partes do mundo, fiquei profundamente emocionado pelas condições quase universais de dificuldades em que os jovens crescem e vivem. Muitos sofrimentos investem-nos mediante as calamidades naturais, a miséria, as epidemias, as crises econômicas e políticas e as atrocidades das guerras. E lá onde as condições materiais são pelo menos adequadas, surgem outros obstáculos, dos quais a crise dos valores familiares e da estabilidade da família não é o menor.

Significado transcendente da vida

Nos países desenvolvidos, uma séria crise moral já está a atingir a existência de inumeráveis jovens, deixando-os à mercê da vida, frequentemente sem esperanças, e condicionados a buscar apenas os prazeres efêmeros. Todavia, em todos os lugares existem jovens, homens e mulheres, profundamente preocupados com o mundo que os circunda, prontos a oferecer o melhor de si próprios ao serviço dos outros e de modo particular sensíveis ao significado transcendente da vida. *João Paulo II, no aeroporto de Denver, EUA, no dia 11 de agosto de 1993.*

PRÁTICA DA ORAÇÃO PESSOAL

*“Quem não aprendeu a adorar
a vontade do Pai no silêncio da oração,
dificilmente conseguirá
fazê-lo quando sua condição de irmão
lhe pedir renúncia, dor e humilhação” (DP 251).*

Irmã Maria Fátima Maldaner, SND
São Paulo, SP

1. Introdução

A luz pode resplandecer nas trevas, aquela luz que mora no coração dos homens, interioridade última do ser humano, seu centro mais profundo. Luz que é a própria transcendência que nos plenifica.

A ela se refere o documento conciliar, ao falar da dignidade da pessoa humana: “Com efeito, por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas. Ele penetra nesta intimidade profunda quando volta ao seu coração, onde o espera Deus, que perscruta os corações, e onde ele pessoalmente, sob os olhares de Deus, decide a sua própria sorte” (G.S., nº 14/243).

A longa história da humanidade nos fala de homens e mulheres que

atravessaram as dimensões de seu ser para se encontrarem com a luz e serem luz para os outros, no espaço vital onde os espera Deus. Referimo-nos aos contemplativos bíblicos e a tantos outros até os nossos dias. O homem moderno, prestes a dar entrada no século XXI não é inferior aos que viveram antes dele para também enveredar pelo caminho da interioridade.

Viver a profundidade do nosso ser é acolher o germen da vida que Deus colocou em nós, que cresce no “Espírito” e a partir do Espírito (cf. Jo 3,6), a fim de chegar à realização mais autêntica e mais plena da existência humana. “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). Viver a partir da interioridade é chegar a integrar e harmonizar todos os níveis de nossa pessoa, corpo, afetividade,

mente e coração com a fonte da vida, enraizados que somos na vida e luz de Deus.

Não só a oração. Todos os atos da vida para serem plenos e eficazes, devem ser vividos a partir das raízes de nosso ser, isto é, a partir do nosso núcleo mais íntimo. Neste núcleo, a relação de convivência com as pessoas, com as coisas, com a natureza e com toda a criação se torna encontro, estabelecendo em nós a paz, a harmonia, a serenidade, o dinamismo de amar, doar-se, servir sem medidas. Conviver a partir do centro será fonte de crescimento e de enriquecimento.

É preciso afugentar os obstáculos que impedem o acesso ao centro, ao eu mais profundo. Em princípio não se trata de empreender tarefa extraordinária. Simplesmente permitir que nossas faculdades humanas sejam como devem ser, respondendo adequadamente ao plano de Deus sobre elas.

Esta breve introdução serve de horizonte para o tema — ORAÇÃO PROFUNDA — que pretendemos desenvolver. Não de forma ampla nem no que ela seja em si ou no que ela seja por graça que vem do alto. Mas naquilo que ela é no cotidiano da vida do cristão, do religioso, do candidato à vida religiosa. Enfim, na vida de todos aqueles sedentos do espiritual, do transcendente, do próprio Deus que habita em nós e espera nosso encontro com Ele, conforme o diz S. Paulo: "Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes

de Deus"? (1 Cor 6,19) e ainda "... o Espírito socorre a nossa fraqueza... não sabemos pedir como convém, mas o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rom 8,26-27). Nosso intento é focar que a Oração Profunda implica exigência de aprendizado a ser feito na aquisição de certas atitudes e na escolha de meios adequados.

Referimo-nos à oração cotidiana, à meditação ou contemplação que deve assumir o caráter de "profunda" na vida do cristão, sobretudo, do cristão comprometido com sua fé. O Documento de Puebla enfatiza: "Os cidadãos deste povo devem caminhar na terra, mas como cidadãos do céu, com seu coração enraizado em Deus, através da oração e da contemplação. Esta atitude não significa fuga diante do terreno, mas condição para entrega fecunda às pessoas. Porque quem não aprendeu a adorar a vontade do Pai no silêncio da oração, dificilmente conseguirá fazê-lo quando sua condição de irmão lhe pedir renúncia, dor ou humilhação" (DP 251).

2. Atitudes Fundamentais

Conviver, a partir do Centro, requer duas atitudes fundamentais:

Estar presente a si

Esta poderia parecer uma atitude normal do ser humano. No entanto, a verdade é a nossa dispersão, em mil tarefas, correria, ansiedade, preocupações acompanha-

das da sensação de sobrecarga de outras tantas obrigações à espera. Que vem a ser “estar presente a si”?

É, antes de tudo, atitude a adquirir pela qual a pessoa se permite SER. É o espaço de ser da pessoa, estando consciente daquilo que está vivendo, no exato momento presente. Não é estar simplesmente gozando de um tempo livre para si. É a atitude de ser, de viver, de experimentar-se a si mesmo de modo consciente e cordial. É estar presente a si em qualquer momento com os cinco sentidos, com toda a mente e com todo o coração, em qualquer lugar que se esteja e em qualquer circunstância, dedicando-se às tarefas de modo consciente, atento, sem pressa, a fim de descobrir um modo de ser cheio de sentido, com paz e harmonia. Colocar-se assim, nesta atitude de estar presente a si, é descobrir o segredo da vida, de forma que cada atividade, trabalho ou situação, desvendam um sentido novo desde a profundidade do ser, descobrindo-nos o mistério da própria vida como tal, que é Deus na intimidade de cada ser humano.

A pessoa humana precisa, pois, aprender a viver consciente de sua autêntica realidade: o centro pessoal, o centro do ser.

Saber acolher o silêncio

A segunda atitude fundamental para viver a partir do Centro, do eu autêntico e essencial é acolher o silêncio. Necessitamos viver em silêncio e partir do silêncio para

descobrir a maneira de viver mais profunda e plena.

Silêncio aqui não entendemos como ausência de ruído, mas a capacidade de situar-se para além do ruído, além do movimento, além de toda e qualquer agitação, acolhendo a própria quietude, a harmonia e transparência. O silêncio é, pois, vazio e plenitude ao mesmo tempo. É transparência, ruído, mistério. Requer-se silêncio por dentro e por fora, silêncio capaz de transformar porque coloca a pessoa para além de suas capacidades. A lua reflete-se num lago calmo e transparente. Somente no silêncio total, na quietude e harmonia do ser — corpo, mente, coração — poderá refletir-se, na profundidade do ser, a verdadeira e autêntica realidade do ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27).

Tal silêncio transforma a vida em nova vida, uma vida além do aqui e agora, mas que se encarna, de forma mais plena na realidade do aqui e agora.

Quando o silêncio fala, a vida se transforma. Quando o silêncio é forte, denso, imenso, ele se torna eloqüente, ele fala e se encarna. “Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas e a noite mediava o seu rápido percurso, tua Palavra onipotente lançou-se... do trono real dos céus...” (Sab 18;14-15), isto é, O VERBO se encarna no seio da Virgem, plena de silêncio.

O silêncio se escuta. “E Deus estava na brisa suave” (cf. Rs

19,12). Nada mais forte que o silêncio de uma multidão que se detém para escutar Deus passar. Tudo se extasia impregnado de sua presença, de sua transparência. A vida não se cala, ela se faz próxima, amorosa e profunda. É a hora em que a vida e o silêncio falam; a vida não muda, mas se faz nova.

3. Integração do Ser

Parece que podemos afirmar ser o silêncio, como atitude fundamental para encontrar o caminho da interioridade, a força integradora dos diversos níveis da pessoa: o corpóreo, o emocional e o mental. É a atitude a assumir, a fim de permitir que as faculdades humanas desempenhem suas funções de acordo com o plano de Deus a seu respeito.

Fazer silêncio consiste em tomar consciência do corpo, do próprio estado emocional, da própria mente, do coração, de todo o ser. Mais ainda: é ir além de seu corpo, de seus sentimentos, de seu coração, de sua mente. É poder situar-se para além dos ruídos, das tensões, da ansiedade, dos pensamentos elaborados para chegar ao Centro do ser, ao Eu-profundo, onde simplesmente a pessoa diz: eu sou — eu sou vida, luz, amor e, ao mesmo tempo, toma consciência da fonte e manancial de seu ser: Deus, o ser Absoluto, plenitude de vida, de luz e de amor.

O silêncio é a força integradora dos diversos níveis da pessoa, a partir do mais periférico que é o

mundo físico-corpóreo, até o mundo afetivo-emocional, o mundo mental-intelectual e o Eu-profundo. É preciso tomar consciência desta realidade pessoal, em clima de distensão e concentração, a fim de, no encontro consigo, com sua realidade única e pessoal, confessar a realidade do OUTRO, do totalmente OUTRO que nos habita: Deus. Não se trata de descobrir a luz, a vida, o amor. Trata-se de um encontro com o OUTRO pessoal, Jesus, que é o Amor, a Vida, a Luz. Jesus, que é liberdade em face de minha liberdade, verdade total que me interpela e pede resposta.

Os conflitos e a agitação do mundo moderno são refletidos pela pessoa em seu microcosmo como por um espelho, deixando-a tensa. O aproveitamento máximo de nossas potencialidades mentais, bem como a experiência espiritual profunda e mística dependem de nossa capacidade de equilíbrio, de paz, de serenidade e de tranquilidade. Não intencionamos apresentar aqui soluções para a pessoa humana, avassalada por tensões de toda espécie. Tendo em vista falar de oração profunda como aprendizado, ressaltamos a necessidade de pacificação da personalidade em seus principais níveis: o nível corpóreo, afetivo e mental como uma ajuda à tomada da consciência do próprio ser.

Eis, o apelo que se faz aos três níveis — para conseguir o que comumente chamamos de recolhimento para a oração.

Pacificação à nível corpóreo

O corpo é elemento essencial e constitutivo do ser humano. Constitui a materialidade do sonho criativo de Deus a respeito de cada pessoa. "... o Espírito de Deus habita em vós" (Rom 8,9). Daí a necessidade de conquistar o corpo para tomar consciência do tesouro que está abrigando.

A conquista a conseguir se deve ao acúmulo de tensões em nosso ser, expressos na pressa, na ansiedade, no cansaço, no nervosismo etc. Na medida em que nos colocamos a observar mais atentamente nosso corpo, nossos sentidos e movimentos, damos-nos conta da distorção em que vivemos.

Através do corpo e sentidos podemos descobrir nossa autêntica e profunda identidade, adquirir consciência do Eu-profundo como sujeito de nossa dimensão corporal, como expressão de nosso eu essencial. É preciso estar atento a esta realidade, fazendo com que o corpo e sentidos se tornem colaboradores de todo o ser, mobilizando tudo para que ocupem o exato espaço que lhes corresponde dentro de outros níveis e aspectos da vida. Incorporá-los às vivências mais profundas é meio para que aconteça a harmonia, a transparência de todo o ser. Trata-se de hábitos a recuperar ou a adquirir através de exercícios.

Encontramos difundidos hoje os mais variados exercícios de relaxamento neuro-muscular, exercício dos sentidos, de respiração, de ori-

gens diversas. São válidos, desde que sua finalidade seja encontrar-nos, em nossa realidade mais profunda, com o Deus de Jesus Cristo e não somente a paz e a tranquilidade em si mesmas (1).

Pacificação a nível emocional

"A glória de Deus é que a pessoa viva" (Sto. Irineu). Entretanto, continuamente está a pessoa sujeita a vivências alternadas de gozo e dor, de risos e lágrimas, tristezas e alegrias, acompanhadas de emoções, sentimentos e variados estados de ânimo. Tais alternâncias exercem repercussão vital sobre a totalidade do nosso ser, gerando pensamentos, ações e vivências. Falamos do campo de nossa afetividade. Não podemos estar alheios a esta realidade. Tudo o que nos vem das relações com os outros, com o mundo exterior e com a vida despertam uma série de experiências íntimas que produzem sentimentos e estados emocionais ora positivos ora negativos. Assim fazemos a experiência do amor, do gozo, da alegria, da paz e da serenidade interior, despertando em nós o prazer de viver; outras vezes sentimos o calor da amizade, da ternura de uma mãe, da paz de uma paisagem ou da satisfação do sucesso no trabalho. São estados emocionais positivos que nos fazem crescer, desfrutar a vida e que nos propulsionam para frente, cheios de esperança. Este mundo afetivo alcança sua plenitude no gozo da experiência de Deus. Quando Deus se torna presença vi-

va e pessoal afloram sentimentos de amor, de paz, de gozo e de libertação interior. É preciso saber a riqueza do mundo afetivo pois dele nasce o calor, o colorido e o sabor da vida.

Mas temos, também, a experiência de vivências afetivas contrárias como aborrecimentos, tensões, agressividade, ansiedades, angústias, pressas, nervosismos, irritações, inseguranças, tristezas, indignações etc. Tais sentimentos exercem sua influência sobre o nível corpóreo com manifestações de desgaste de energia física, alterações na respiração, aumento da frequência cardíaca, insônia etc... Atingem o próprio nível mental e afetivo, perturbando a paz, a serenidade interior e fazendo diminuir a capacidade de viver a vida na sua monotonia diária. A sensação de obscuridade e vazio invadem a pessoa.

O momento de oração precisa encontrar-nos libertos de toda carga negativa de nossa afetividade: libertos de toda a ansiedade e de todos os estados de ânimo, emoções e sentimentos negativos. O momento de oração precisa encontrar-nos centrados em nossa vida concreta, sentindo-nos bem conosco, com os outros, com a vida.

Torna-se necessário, portanto, pacificar nossa afetividade. Saber situar-se diante dos estados de ânimo ou sentimentos negativos para observá-los e aceitá-los é o caminho básico para a superação. Seria contraproducente ignorá-los.

Os exercícios de relaxamento, ajudam nesta pacificação.

Em princípio é preciso estar ciente de que certas atitudes implicam uma aquisição pessoal através do esforço e disciplina. Ninguém nos poderá substituir na aquisição dessas atitudes. Assim a pacificação das tensões emocionais tem muito a ver com a distensão corporal, com o exercício correto da respiração profunda, lenta e serena. Tonifica o organismo e faz recuperar maior serenidade. Esta postura pode ser adquirida no decorrer da vida cotidiana sem apelar a meios extraordinários. Posicionar-nos diante de esquemas mentais habituais que provocam emoções negativas, como inflexibilidade diante de afirmações, idéias, horários, acontecimentos e situações. Aprender a relativizar estas situações e colocar-nos positivamente diante delas, pode ajudar-nos a manter a paz interior e preparar-nos para a oração profunda. Trata-se de encarar a vida em sua totalidade, vivê-la em plenitude como fonte autêntica de paz, de calma e serenidade interior.

Pacificação a nível mental

Falamos aqui da mente ordinária sem nos referir ao sub-consciente com seu conjunto de conteúdos psíquicos dos quais a pessoa não tem consciência.

Com a mente pensamos sobre as coisas, dissertamos sobre os acontecimentos, refletimos sobre a nos-

sa vida, tiramos conclusões de nossas lembranças e projetamos planos sobre nosso futuro. Inclui a memória como faculdade para recordar fatos passados e a imaginação como faculdade criativa.

A mente consciente nos permite tomar conhecimento do exterior e de nós mesmos, captar parte das impressões e estímulos que nos chegam através dos sentidos. Esta mente consciente é instrumento muito valioso para a vida. Com ela formamos conceitos e idéias das coisas; certas estruturas nos ajudam a ter referência comum com os outros na vida social.

É preciso conquistar a mente ordinária, à procura de um relativo nível de concentração e silêncio da mente. À medida que nos vamos serenando, amplia-se o campo de concentração e identificamos os próprios esquemas, idéias, imagens, recordações, os estados de ânimo, os apegos específicos. Trata-se de dar a todo este conteúdo o valor relativo que tem e, sem menosprezar este conhecimento, tudo canalizar para seu próprio centro. A partir dele, conhecer as coisas como são em si mesmas e em Deus. A mente então está apta para, na intuição, captar a sabedoria suprema sem necessidade de dados intermediários. É o nível próprio para acontecer a experiência de Deus.

A sede de crescimento interior fará com que cheguemos a realizar o sonho que Deus tem a respeito de cada um de nós.

4. Em busca de uma metodologia para a experiência da Oração Pessoal

Mesmo com uma literatura imensa sobre o tema da oração, não são comuns livros que explanem orientações sobre a prática da oração.

Mesmo nos tratados clássicos, há escassez de indicações sobre a maneira prática de orar. Nas obras de Sta. Tereza de Ávila ou S. João da Cruz, encontramos poucas orientações e muito esparsas..

Falamos da oração como ajuda à experiência de Deus, não só durante o tempo da oração propriamente dita, mas da experiência de Deus que acontece na totalidade da vida da pessoa situada; experiência que é reconhecimento de Sua presença através de situações e estados de ânimo que precisam ser discernidos.

Referimo-nos à espiritualidade inaciana, mas não menosprezamos as outras. Simplesmente nela encontramos a vivência de nossa espiritualidade pessoal.

Feita esta observação e levando em conta a quase inexistência de orientações práticas para a oração, surpreende-nos o conteúdo do pequenino livro dos Exercícios Espirituais de Sto. Inácio que traz uma metodologia pormenorizada da oração, em que transparece a experiência de Deus de um homem concreto, com indicações seguras para outros tentarem esta mesma experiência. Logo no início (EE 15) há uma afirmação de peso. Afir-

ma Inácio estar convencido de que Deus se comunica imediatamente com a criatura. Esta comunicação pode ser experimentada. Sua convicção vai além. Através de seus escritos exprime que esta comunicação não é só para místicos, nem acontece apenas nos momentos privilegiados da oração propriamente dita. É experiência que podemos desejar.

5. Experiência imediata de Deus

O que nos leva a falar da experiência imediata de Deus e de um aprendizado da mesma através de exercícios?

É a experiência de acompanhamento espiritual e a orientação de retiros espirituais para numerosas pessoas das mais diversas categorias que nos levam à reflexão sobre a experiência imediata de Deus. Pessoas entregues a exercícios espirituais relatam, com genuína simplicidade, seu encontro com o Deus vivo e verdadeiro, como experiência sentida, que parte da iniciativa do mesmo Deus que se aproxima em graça. Experimentam Deus na sua indizível ternura e amor por elas tal como se manifesta em Jesus Homem-Deus. Sentem-no despojado dos fenômenos como visões, símbolos, audições e palavras. Experimentam Deus diretamente, de forma intensa e pura, um Deus pessoal que se comunica e com o qual podem se comunicar, quando há entrega do coração na fé, esperança e no amor ao próximo.

Diante deste fato, buscamos o apoio teológico para esta experiência que vem relatada na história da espiritualidade e é sempre verificada de novo pelos orientadores espirituais em sua missão cotidiana.

A favor da comunicação direta de Deus com a criatura estão, entre outros, A. Poulain, P. Hugueny, G. Maréchal. Sobretudo, referimo-nos a Karl Rahner. Ao comentar Sto. Inácio diz: "Uma coisa porém permanece de pé: que Deus pode e quer tratar de modo direto com sua criatura; que o ser humano pode realmente experimentar como tal coisa sucede; que pode captar o soberano desígnio da liberdade de Deus sobre sua vida, o que já não é algo que se possa calcular, mediante um oportuno e estruturado raciocínio, como uma exigência da racionalidade humana, nem teológica, nem existencialmente" (2). E ainda: "Deus mesmo; era Deus mesmo que eu experimentei; não palavras humanas sobre Ele. Deus e a surpreendente liberdade que O caracteriza e que somente se pode experimentar em virtude de Sua iniciativa, e não como o ponto em que se cruzam as realidades finitas e os cálculos que se podem fazer a partir delas... O que digo é que assim aconteceu; e me atrevo inclusive a acrescentar que se deixásseis que vosso ceticismo, a respeito deste tipo de afirmações chegasse a suas últimas conseqüências e desaguasse não apenas em uma teoria habilmente formulada, mas também na amargura de viver, então poderíeis fa-

zer esta mesma experiência" (Idem, p. 10).

Sto. Inácio expressa esta sua convicção de fé, quando diz: "Quem dá os Exercícios não se volte nem se incline a uma ou outra parte; mas permanecendo em equilíbrio como uma balança, deixe o Criador agir imediatamente com a criatura e a criatura com seu Criador e Senhor (EE 15). Karl Rahner, comentando esta convicção reconhece, como o próprio Inácio, a necessidade "de uma ajuda de iniciação destinada a que os demais não rechacem a proximidade imediata de Deus, mas a experimentem e assumam claramente".

Mesmo que o encontro profundo e direto com Deus constitua uma graça, nem por isso devemos admitir que esta graça seja negada a alguém e venha a ser privilégio de poucos.

Propomo-nos, pois, agora percorrer alguns aspectos que virão ao encontro das expectativas de quem se entrega à ciência das coisas espirituais e à fidelidade ao Criador que, ardentemente, deseja a aliança com sua criatura. Como pano de fundo permanece a pergunta a responder: "Como se pode experimentar a fé cristã? Como Deus se pode tornar presença pessoal sem ser confundida com outras manifestações do próprio ser da pessoa"?

Não restringimos a experiência de Deus aos momentos de oração propriamente dita. A sua autenticidade se prova no cotidiano da vida e na história da pessoa.

A oração, exerce função pedagógica na experiência de Deus, tanto para estabelecer a síntese entre vida de fé com vistas ao testemunho na dimensão histórica, quanto também "aprendizado" desta mesma experiência.

Eis a razão de fazer agora referência a orientações que se têm mostrado úteis para a prática da oração pessoal.

Globalmente já nos estendemos sobre a necessidade da integração do ser que a dinâmica orante pede. Vamos aos pormenores, sobretudo, em relação à oração pessoal.

6. Passos práticos para encontrar-se com Deus na Oração

Preparação para a Oração

Você quer realmente ter uma vida de oração?

É questão de honestidade e pergunta prévia a ser feita a si mesmo por todo aquele que busca encontro com o Senhor, uma experiência pessoal de Deus. Um encontro entre pessoas não se mantém e não se aprofunda sem um ritmo de relacionamento que o sustente. Deus não é uma idéia, um conceito, uma causa. São três pessoas. É necessário um ritmo de relacionamento com as pessoas divinas para que o verdadeiro encontro aconteça. Um relacionamento pessoal só é possível mediante o conhecimento da pessoa e uma interação.

Tudo o que dissemos até agora e diremos em seguida cai por ter-

ra se o leitor não responder honestamente à pergunta: "quero realmente ter uma vida de oração"? Se você realmente quer, vai procurar os meios, vai dar o tempo necessário, vai pular as disposições interiores e exteriores indispensáveis e sua oração não dependerá das circunstâncias ou de seu estado de humor. A fidelidade à oração dependerá da honestidade de sua resposta à pergunta feita.

Duração da Oração

O tempo é o preço que devemos pagar para aprender a duração do tempo que se dará à oração, criando assim um ritmo pessoal diário deste encontro com o Senhor. Será de meia hora, 45 minutos, uma hora? A fidelidade ao tempo depende da firmeza tranqüila com que se toma a decisão. É preciso permanecer fiel ao tempo escolhido. É o tempo dado a Deus e em benefício dos irmãos. Abreviá-lo seria ceder à tentação. Há, porém, diferença entre duração da oração como cumprimento da hora e duração como permanência à escuta do Senhor, alimentada por desejos ardentes, busca apaixonada e conseqüente descoberta da novidade de Deus, inesgotável na pessoa de Jesus.

O ambiente para a Oração

"Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai ocultamente; e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará" (Mt 6,6). Esta citação evangélica nos remete à esco-

lha do lugar propício para a oração. O local é propício quando ajuda a pessoa a concentrar-se, quando a predispõe para a matéria que quer meditar ou contemplar. O local pode ser mais próprio ou menos próprio, dependendo do quanto favorecer a que todos os sentidos participem inteiramente no ato de orar. Assim, um ambiente onde predomine a claridade, a luz, uma vela acesa pode favorecer uma oração sobre a ressurreição de Jesus ou os mistérios gozosos da sua vida. Ao contrário, um ambiente mais sóbrio, menos iluminado pode favorecer a meditação da paixão.

O bom lugar é envolvido pelo silêncio. Ainda que seja possível em meio ao intenso barulho de uma estação rodoviária ou de um aeroporto, fazer silêncio interior. Normalmente, o local é bom para a concentração, quando é silencioso e quando favorece o silêncio.

Escolha e definição do assunto

O dispor-se para a oração supõe um início remoto, isto é, uma preparação à noite. Consiste na escolha da matéria da oração ou de um texto bíblico para a oração, bem como definição do fruto que se pretende tirar da oração. Feito isto, a pessoa procure guardar amorosamente na memória este texto ao adormecer. São orientações sábias e seu valor certamente vem confirmado pela própria psicologia. Ao acordar, pela manhã, a preparação, que era remota, vem a ser próxima e a entrada em oração es-

tá a meio caminho andado. Recordar-se então a matéria ou o texto da oração, elevando a mente ao Pai por alguns instantes para, em seguida, reverenciá-lo, inclinándose num ato de humildade.

Eventuais circunstâncias pessoais ou decorrentes da própria matéria a tomar para a oração, pedem que a pessoa defina claramente para si mesma, qual a forma ou o modo de orar de que vai utilizar: — leitura meditada, meditação, contemplação etc.

Não cabe aqui diferenciar estes diversos modos de orar (3).

O corpo em Oração

A pessoa total se põe a orar. No início, de pé, braços erguidos e mãos abertas são gestos de oferta e espera... Lenta genuflexão e sinal da cruz muito lento podem ser ajuda inicial muito eficaz, para, em seguida, definir com toda a liberdade de espírito, a posição que ajuda a rezar melhor.

A tradição oriental insiste em posições básicas do corpo que favorecem o caminho para a interioridade. Na liturgia cristã conhecemos posições corporais — inclinações, prostrações — e numerosos gestos que ajudam a expressar ora o louvor e a ação de graças, ora a súplica e a compunção do coração. Descobrir a própria posição corporal é descobrir a posição ideal. Poderá ser ajoelhado ou sentado em cadeira ou banco, não muito fofo, costas bem eretas, favorecendo uma respiração tranquila; pode

ser utilizado também o tamborete (20cm x 45cm) ou a postura de lótus, desde que o corpo consiga manter-se sossegado, tranqüilo, durante o tempo da oração.

O início da Oração

Apaziguar-se

Pertence ao cerimonial da ruptura com o momento anterior, afastar-se de toda agitação exterior ou interior. Ao dirigir-se ao lugar de oração, a pessoa procura repousar o espírito, dando-se conta daquilo que está por fazer e o que busca realmente ao querer entrar em oração. Encontrando-se, pois, no seu "lugar sagrado", onde buscará encontrar Deus, a mente se eleve, o corpo se incline em profunda reverência, para que a pessoa inteira se ponha em harmonia com a experiência que está por começar.

Vai depender da situação atual de cada um o espaço de tempo necessário para tranqüilizar-se, bem como a forma ou métodos a utilizar para que aconteça a intensa escuta de Deus.

Presença de Deus

Por-se na presença de Deus não se dá automaticamente com o tradicional "coloquemo-nos na presença de Deus". Trata-se de um ato de fé de que Deus está aqui, um ato de intensa comunhão com Ele. Este ato pode ser feito no silêncio, pela palavra ou por um gesto. Poderá ser sentido ou somente vivido na fé. Ir criando estas disposições de fé de nossa parte, pa-

ra que Deus nos coloque em sua presença, é colocar-se na presença de Deus e isto já é oração.

Oração preparatória

É um breve momento em que a pessoa se dá conta de sua vida para situá-la sob o sol de Deus que dá sentido à sua existência. A oração preparatória traduz as verdadeiras disposições pessoais diante de Deus, oferecendo-lhe o próprio querer e liberdade, pedindo a graça de buscá-lo com todo o ser; de buscar unicamente o que for conforme aos desígnios de Deus e que leve ao compromisso com os irmãos e ao serviço do Reino.

O corpo da Oração

Introduções prévias

As grandes peças musicais são introduzidas por breves acordes. Aqui, o momento é semelhante. Trata-se de pequenas introduções como vislumbres do grande momento da oração propriamente dita.

a) Um destes acordes se prende à memória que recorda brevemente a história, isto é, o fato ou o mistério a ser contemplado ou a passagem bíblica a ser meditada.

b) Usar a "imaginação" vendo o lugar "da cena ou do fato vem a ser meio extraordinário para acontecer a oração em profundidade. Pretende ser representação imaginária do mistério ou da matéria que se quer tomar para a oração, contextualizando-a (4).

c) Faz-se, a seguir pedido de uma graça especial. Não nos é da-

do forçar a porta do mistério de Deus; não é pelo esforço pessoal que poderemos trilhar os caminhos do Senhor. Só podemos agir bem na constante perspectiva da ação de Deus. Além da graça geral da acolhida do Espírito e da docilidade à sua voz, há uma graça especial a pedir, graça expressa pelos desejos brotantes do coração, a partir de toda a preparação anterior. Com confiança filial faz-se o pedido da graça que será diferente a cada dia, pois deve estar em consonância com a matéria a rezar e o fruto que se espera desta oração.

Meditação ou contemplação

Os passos anteriores, ainda que breves, foram como uma liturgia a nível pessoal, preparando o desejado encontro com o Senhor. Estamos no corpo da oração. O aprofundamento pode ser feito de várias formas — leitura meditada — meditação — contemplação. É o momento da oração propriamente dita que é um relacionamento com o Senhor. Semelhante aos nossos relacionamentos com as pessoas, o relacionamento com Deus não pode ser forçado, nem de nossa parte nem da parte de Deus. Deus pode fazer-se presente ou deixar-nos com um sentimento de ausência. Isto faz parte do relacionamento vivo e real. Não seria verdadeiro, pessoal e profundo o relacionamento forçado ou mecânico exigindo que Deus venha ao nosso encontro simplesmente por ser agora o momento que programamos para esta experiência. Po-

demos controlar imagens, ídolos e a nossa imaginação; podemos seguir todas as orientações, mas não podemos controlar o Deus vivo. O relacionamento verdadeiro começa a acontecer no reconhecimento mútuo de duas liberdades. É a oração, no entanto, uma forma de comunicação extraordinária do homem com Deus, fenômeno universal da vida de fé. Existe afinidade entre Deus e o homem que torna essa comunicação possível. O SER de Deus é imanente ao ser humano, é isto a base da comunicação.

Acima de tudo, oração é a experiência da gratuidade; não pode ser programada na linha da eficiência como tal, levando infalivelmente a tais e tais resultados por efeito do esforço pessoal.

Tudo seja feito da parte da pessoa. A permanência em oração pede disciplina de sentimentos, disciplina do corpo, atitude de busca e perseverança no tempo. São condições que predisõem para a gratuidade do momento que é graça e na graça pode acontecer o diálogo amoroso eu-TU, o diálogo com o totalmente OUTRO, o TU divino, a comunicação com o Deus uno e trino, com o Deus de Jesus Cristo (5).

Conclusão da Oração

a) Colóquio final

Durante a oração ocorrem os momentos de diálogo, próprios do relacionamento eu-TU. Aqui, no final da oração, os diálogos, de coração a coração, se tornem mais

íntimos e intensos. São colóquios a fazer assim como um amigo conversa com seu amigo, expressos pelos sentimentos que brotaram, as iluminações que apareceram, os apelos que nos questionaram durante o tempo dedicado à oração.

b) Oração vocal

Depois do colóquio final, sentindo-se povo de Deus, é bom concluir a oração pessoal com uma oração vocal como seja: o Pai-Nosso, Ave Maria, Alma de Cristo etc.

c) Um gesto

Traduzimos por gestos nossos relacionamentos ao saudar amigos e despedir-nos deles. Seja assim com o Senhor, descobrindo um gesto de despedida amorosa: uma inclinação profunda, uma genuflexão, um sinal da cruz feito lentamente são exemplos de gestos de leal despedida. Com a promessa de amanhã voltar ao contato pessoal com o mesmo Senhor.

Após a Oração

Toda a pessoa sensata costuma perguntar-se a respeito do sentido e dos efeitos de seus atos. O crescimento na vida espiritual implica que tomemos a sério o tempo dedicado à escuta de Deus com suas repercussões para nossa vida de cristãos no dia-a-dia. Assim, momentos após a oração, é conveniente criar o hábito de fazer discernimento, perguntando-se a respeito de sentimentos, apelos, luzes e so-

bretudo, a respeito dos toques da graça mais profundos e evidentes a partir da Palavra de Deus (6).

7. Conclusão

Abrimos algumas pistas sobre o fascinante tema da experiência de Deus. Muitos aspectos merecem ser aprofundados. Creemos que as nossas reflexões possam oferecer uma ajuda aos leitores, sobretudo, aos formadores na sua missão de introduzir outros nesta experiência.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Uma das atitudes apontadas como fundamental para a experiência da oração é o silêncio, entendido como possibilidade de ir além do ruído, do movimento. Na vida de sua comunidade e no seu nível pessoal, consegue-se separar um es-

paço de silêncio orante diário? Que dificuldades existem e o que se poderia fazer para melhorar?

2. Um segundo momento constitutivo da oração é a integração profunda do ser, a nível corporal, emocional e mental. Para alguns grupos e correntes esta etapa chega a constituir a totalidade do tempo de oração, confundindo-se com práticas até de outras confissões religiosas, particularmente de influência oriental. Para outros grupos e correntes é considerada desengajada, alienada, centrada em si. Como você se situa diante deste momento oracional? O que você faz praticamente para vivê-lo?

3. Toda experiência de oração necessita uma metodologia, um caminho. Qual é aquele que a espiritualidade de sua congregação propõe sem, é claro, confundir-lo com práticas devocionais?

NOTAS

(1) BALLESTER, Mariano, SJ. "Experiências de Oração Profunda", Ed. Paulinas, 1993, São Paulo, SP. (2) RAHNER, Karl, "Palavras de Sto. Inácio de Loyola a um Jesuíta", Col. Ignatiana, nº 18, p. 11. (3) CEI-ITAI: "Rabi, onde moras?", Ed. Loyola, São Paulo, SP, 1991, pp. 155-158. (4) Imagens e imaginação nos Exercícios Espirituais: "ITAI" Revis-

ta de Espiritualidade Inaciana, nº 4, 1990, pp. 37-48. O uso da imaginação nos Exercícios Inacianos: "ITAI" Revista de Espiritualidade Inaciana, nº 9, 1992, pp. 27-60. (5) BARRY, William, SJ., "Deus e Você", Ed. Loyola, 1990. (6) Roteiro para revisão da oração: "ITAI" Revista de Espiritualidade Inaciana, nº 3, 1990, pp. 9-12. □

O homem não caminha só. Caminha com Cristo, seu Senhor. Foi Cristo que fez seu o caminho do homem e o guia mesmo quando ele disso não se dá conta. Deus, porém, não faz por nós. Faz a partir de nós. Faz conosco. É solidário. Não substituto. Deus pode sozinho, mas quer contar conosco (Pe. Marcos de Lima, SDB).

VIDA RELIGIOSA EM CONFRONTO COM OS ÍDOLOS

Não há comportamento moral neutro. Todo e qualquer ato humano, ao ser praticado, confere naquele mesmo instante, em volta de si, uma situação de graça ou de pecado.

Pe. Darci Luiz Marin, SSP
São Paulo, SP

O presente artigo objetiva suscitar algumas pistas que ajudem às leitoras e leitores de *Convergência* a se questionarem frente a um dos grandes problemas do nosso tempo: a presença cada vez maior de ídolos que insistem em querer participar de nossa vida.

Nosso tempo é, marcadamente, um tempo que exige sacrifícios de vítimas humanas. Ainda que a realidade da idolatria tenha história milenar de convivência com o ser humano, este nosso tempo apresenta sinais específicos de atuação desses ídolos em confronto com a vida de milhões de seres humanos.

A condição de mulheres e homens que se alimentam cotidianamente da mensagem de Jesus nos provoca a tomar posição, frente a essa realidade dos ídolos tão intensamente presentes no dia-a-dia das pessoas hoje.

1. Época de crise ética

Uma primeira constatação, detendo-nos sobre a realidade em que vivem a grande maioria das pessoas em volta de nós, é de que há uma grande crise. Basta nos deter por alguns minutos, e nos confrontar com dados oficiais destes últimos anos. Esses dados expressam nitidamente a deterioração das condições de vida da imensa maioria da população brasileira.

Para contingentes enormes de pessoas, viver é um contínuo desafio, por não disporem sequer das condições mais elementares, indispensáveis para o desabrochar, crescimento e realização da vida de um ser humano. Para grande parte das pessoas a vida se resume em curto espaço de sofrimento.

Tudo isso vem mostrar a profunda crise ética em que estamos. Entre outros, é possível visualizar alguns sinais dessa crise: falta de honradez, violência, corrupção, impunidade, discriminação social, abuso de poder. Tudo isso vai fazendo com que a consciência das pessoas se deforme. Aos poucos — e às vezes rapidamente — as pessoas passam a aceitar normalmente o que não é ético. Mesmo a princípio tendo consciência de que determinada ação prejudica as pessoas, isso passa a ser tido como inevitável: “é assim mesmo”, “não adianta lutar”.

Essa linha deterioradora da consciência ética das pessoas vai formando uma cultura propícia para que se implante a lei do mais forte, favorável ao mundo dos ídolos que encontra o ambiente ideal para se desenvolver nesse quadro.

Já em *Puebla* (doravante P) (1979) os bispos latino-americanos chamavam a atenção para a problemática da idolatria, detectando a presença de desvalores em nossas culturas (P 405) e a absolutização do relativo (P 491). E, constatavam aí os bispos, isso faz com que haja uma violação do que há de mais íntimo na pessoa humana: sua realização. Foram então apontados concretamente quais são os nossos ídolos hoje, com destaque para a busca de riqueza e poder (P. 493-500). Ainda que numa ótica de fundo mais “amena”, em termos de incisividade evangélica, também *Santo Domingo* (doravante SD) (1992) volta lembrar desses mesmos ídolos (SD 154).

a. *Onde a crise ética se mostra com mais nitidez?*

- Na ânsia desenfreada pelo lucro. A regra que passa a ser tida como normal é a de levar vantagem, passando a vigorar esta convicção: “bobo de quem não leva vantagem sobre os outros!” Vale a eficiência, a alta qualidade, o melhor produto. Restaria perguntar: e quem se beneficia disso? Mas essa questão não faz parte dos convidados a “ingressarem” no mundo dos modernos epulões.

Paradoxalmente, em meio a uma realidade que *prescinde* a maior parte dos seres humanos, há o apelo para a *integração* como solução para a marginalização. Participar do canto por esta partitura, todavia, significa associar-se aos que depositam sua confiança na magia milagrosa do mercado. Ainda que não se tenha consciência disso, a adesão aqui é ao cerne teológico do capitalismo: a justiça e a fraternidade entre as pessoas emergem da auto-regulação do mercado. Em lugar da instância evangélica da conversão temos agora a confiança nos resultados benéficos da “liberdade” de mercado. E não se diga que pessoas — e até mesmo instituições — que atuam em nome do evangelho estão isentas de contrair esse vírus deletério!

- Há um forte apelo ao *individualismo*. Diante da multiplicidade de possibilidades, “adoçadas” pela força incisiva da propaganda veiculada sobretudo através da televisão, as pessoas tornam-se fragmentadas. Muitas decisões tomadas hoje, passam a ter

relativo valor para hoje apenas. Amanhã se verá o que fazer! Em troca de um possível ingresso no ambiente dos privilegiados, há uma sujeição anti-evangélica aos ídolos. Nesse sentido, as opções vocacionais para as/os jovens ficam tremendamente prejudicadas. Há que estar alerta, sobretudo entre os formadores, nesse sentido.

Ainda neste ponto, poderíamos considerar também o pouco incentivo dado pelo nosso tempo ao diálogo entre as pessoas. Há um forte apelo ao “você decide!”, sem que, para isso, haja a preocupação do confronto fraterno com o outro. Essa instância também afina-se muito bem com o espírito do nosso tempo, onde cada um procura resolver seus próprios interesses, onde tudo é pensado para favorecer a si mesmo, com pouco ou nenhum espaço para o intercâmbio, a comunhão e a fraternidade com as outras pessoas. O que há aqui é a imposição da vontade e da decisão de alguém sobre os demais. Para isso, se costuma usar linguagem que encobre o real sentido de onde se quer chegar, bem como atitudes próprias de instâncias muito mais aderentes aos ídolos do que ao Deus de Jesus Cristo.

• Hoje está em curso um *dualismo ético* bastante acentuado. Por um lado temos o comportamento da elite que explora o trabalhador, usa de violência, ostenta luxo, despreza e oprime as culturas indígena e africana...; por outro lado deparamo-nos com o comportamento do povo que vai criando formas próprias de sobrevivência, que vai conservando

momentos de alegria, muito embora as duras condições de sobrevivência...

Todavia, há que ter presente que esse dualismo ético presente em nossa sociedade ignora o princípio da “igualdade de todos perante a lei”. Aqui também, como observávamos nos itens anteriores, vai se implantando a convicção de que “quem pode, pode”. E, o pior, isso vai se dando de maneira resignada. Disso também nascem atitudes que funcionam como “válvulas de escape” para a situação difícil em que a maioria do povo vai sendo forçada a viver. Procura-se saídas na sorte (loteiras, jogo do bicho...). Tudo isso vai deformando a consciência das pessoas, achando que “... é assim mesmo” e pronto!

Poderíamos aqui perguntar: e nós, como visualizamos esta problemática tão presente em nossa sociedade hoje? Com sinceridade, em nosso íntimo, em qual princípio ético nós acreditamos? Como nos comportamos no dia-a-dia para atuar o projeto de Jesus Cristo no hoje de nossa história?

b. *Existem sinais de rearticulação ética cristã?*

Felizmente, existem sinais expressivos de saídas. Por ocasião do lançamento da 2.^a *Semana Social Brasileira*, promovida pelo setor de Pastoral Social da CNBB — a realizar-se em julho/94 —, D. Luciano Mendes de Almeida dizia: “Há, hoje, um clima especial no país. É a ascensão da preocupação ética. Isto é novo, se compararmos com os anos preceden-

tes. Quem poderia imaginar que jovens sairiam às ruas, levando faixas e cartazes com a palavra 'Ética'? Nós a usávamos com certo pudor, com dificuldade até em compreendermos o seu significado e o alcance da dimensão ética em nossa vida. Desde então, os locutores de TV falam de ética; revistas e jornais incluem, com frequência, a palavra 'ética' nos títulos de artigos. Essa insistência é nova."

- Ainda que não tão profundamente implantada (a ética) na consciência da maioria das pessoas, mas já há um certo questionamento sobre o *comportamento de políticos profissionais* que atuam apenas pensando em seus próprios interesses, em detrimento da situação popular. Há também indignação frente a situações de corrupção e abuso de poder. O perigo é o de ficar em casos isolados, orquestrados pelos meios de comunicação, esquecendo o todo. Todavia, muitos dos sinais neste período pós-*impeachment* são promissores.

- Hoje, há uma forte tendência para se discutir a relação existente entre *ética e economia*, entre os princípios norteadores da proposta cristã do seguimento de Jesus, em confronto com a proposta da moral do sistema capitalista que é, por natureza, idolátrico. Esta preocupação, por sinal, é o eixo central que nos move neste artigo.

- A tomada de consciência da importância do *equilíbrio ecológico*. Neste item há que destacar, evidentemente, o lugar central ocupado pelo ser humano no contexto da criação.

- Razoável parcela da sociedade questiona-se, hoje, sobre a *abundância* de recursos técnicos e econômicos, a serviço de minorias, em contraste com a *fome e a miséria* de milhões de seres humanos (para os quais a técnica e os recursos nada contam).

- Movimentos organizados, buscando *recuperar a cidadania* das pessoas, mediante ações que se preocupam com a assistência em caráter de emergência para o presente e, simultaneamente, com a percepção da necessidade do empreendimento de esforços para a mudança das estruturas injustas.

c. Caminho possível: *solidariedade compassiva*

Nos últimos anos vai tomando forças a idéia de que é necessário implantar, em nosso meio, a idéia da solidariedade, para fazer frente à avalanche de egoísmo idolátrico que corrói a vida da maior parte das pessoas. Há, todavia, diversas maneiras de agir solidariamente com o(s) outro(s). Antes de mais nada é necessário tomar consciência desta necessidade. Depois optar por caminhos que efetivamente permitam isso.

Há quinze anos os bispos latino-americanos constatavam que a situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo: feições de crianças, de jovens, de indígenas, de camponeses, de operários, de subempregados, de marginalizados e de anciãos (cf. P 31-39).

Numa das passagens mais felizes do documento de Santo Domingo, os bispos relembram: “temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla, todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos dos irmãos” (SD 179).

Em número anterior desse mesmo documento, temos uma passagem que traduz a essência do que estamos considerando aqui: “Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos aterrorizados pela violência diária; os rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente” (SD 178).

Eis aí o que produz o sistema idólatrico em meio ao qual nos encontramos. Não podemos ser coniventes com ele, achando que é possível conciliar o que é próprio desse sistema com o carisma específico que marca a história da Congregação a

que pertencemos. O caminho é único: o da solidariedade com os empobrecidos, nas pegadas dos passos de Jesus Cristo, em consonância com Lc 4,18-19.

Na condição de seguidores de Jesus Cristo, não podemos contemporar com os apelos sempre encantadores dos ídolos. É preciso ter no evangelho o paradigma que aquece nosso coração e ilumina nossa inteligência, para ter condições de responder coerentemente — em nossa ação pastoral específica — às necessidades do nosso tempo. A solidariedade compassiva que nasce de baixo, buscada em conjunto em nossas comunidades, reanimará o espírito juvenil que tão de perto nos tocou nos primeiros anos de missão (cf. Lc 10,25-37).

2. Deus da Vida ou ídolos da morte?

A fase da história em que vivemos nos põe diante de uma encruzilhada. Qual estrada tomar? A estrada do Deus de Jesus Cristo ou a estrada do sistema neoliberal que, nos últimos anos vem se proclamando vencedor?

Muitas pessoas já escolheram por qual dessas duas estradas desejam percorrer estes últimos anos do século XX. Parcela expressiva dessas pessoas decidiram tão somente em seus corações, pois as condições exteriores não permitem a que ostentem sua escolha. O comportamento cotidiano, todavia, manifesta a escolha feita.

E nós de que lado estamos?

a. *Os princípios do Deus da vida:
as bem-aventuranças do
evangelho de Jesus*

“O povo vem de todas as partes ao encontro de Jesus, porque a ação dele faz nascer a esperança de uma sociedade nova, libertada da alienação e dos males que afligem os homens. Lc 6,20-26 proclama o cerne de toda a atividade de Jesus: produzir uma sociedade justa e fraterna, aberta para a novidade de Deus. Para isso, é preciso libertar os pobres e famintos, os aflitos e os que são perseguidos por causa da justiça. Isso, porém, só se alcança denunciando aqueles que geram a pobreza e a opressão e depondo-os dos seus privilégios. Não é possível abençoar o pobre sem libertá-lo da pobreza. Não é possível libertar o pobre da pobreza sem denunciar o rico para libertá-lo da riqueza” (nota da Bíblia — *Ed. pastoral*, Ed. Paulinas).

Eis aí um desafio que se faz renovado hoje em nossa missão. Assumir esse desafio é arriscado. Quebrar o ciclo da violência oculto pelo sistema idolátrico sempre é arriscado. A missão da vida religiosa no mundo é exatamente a de se confrontar com os ídolos que tiram a vida ao invés de a promoverem. Para nos animar nessa opção, voltemos ao evangelho de Lucas 6,20-26:

1. “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhe pertence.

2. Felizes de vocês que agora têm fome, porque serão saciados.

3. Felizes de vocês que agora choram, porque não vão de rir.

4. Felizes de vocês se os homens os odeiam, se os expulsam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês, por causa do Filho do Homem.

5. Alegrem-se nesse dia, pulem de alegria, pois será grande a recompensa de vocês no céu, porque era assim que os antepassados deles tratavam os profetas.

6. Mas, ai de vocês, os ricos porque já têm a sua consolação!

7. Ai de vocês, que agora têm fartura, porque vão passar fome!

8. Ai de vocês, que agora riem, porque vão ficar aflitos e irão chorar!

9. Ai de vocês, se todos os elogiam, porque era assim que os antepassados deles tratavam os falsos profetas” (esse texto foi numerado para servir de parâmetro comparativo com o quadro do tópico que virá abaixo).

b. *Os princípios dos ídolos da
morte: as bem-aventuranças
do neoliberalismo*

Recente estudo do teólogo brasileiro Benedito Ferraro, seguindo as intuições de Franz Hinkelammert, nos proporciona um belo quadro comparativo ao evangelho de Lucas visto acima. É importante aqui lembrar esse quadro. Ele nos ajudará a situar melhor qual a ótica do sistema idolátrico tão presente em nosso dia-a-dia hoje.

Benedito Ferraro intitula o tópico deste estudo “As bem-aventuranças do neoliberalismo ou o evangelho das bem-aventuranças ao avesso”,

destacando os seguintes dados comparativos (próprios deste “evangelho às avessas”);

1. “Bem-aventurados os ricos, pois a eles pertence o Mercado.

2. Bem-aventurados os ricos, porque saciam a fome dos pobres, dando-lhes trabalho e pão.

3. Bem-aventurados os ricos que se sacrificam, para que os pobres possam rir.

4. Bem-aventurados os ricos, porque são criticados e rejeitados, quando se apresentam como salvadores do mundo através da Utopia do Mercado.

5. Alegrem-se vocês, ricos, porque serão recompensados com uma fatia ainda maior do Mercado no futuro.

6. Malditos vocês, pobres, porque são insolentes e preguiçosos!

7. Malditos vocês, pobres, porque comem sem trabalhar!

8. Malditos vocês, pobres, porque estão sempre em festa, em roda de samba, porque vocês vão passar luto!

9. Malditos vocês, pobres, porque são protegidos e defendidos pela Igreja dos pobres e pelos homens e mulheres que recusam o Sistema Sacrificial, porque vocês serão desmascarados pelo Mercado Absoluto!” (cf. B. Ferraro, *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*, Ed. Paulinas, 1993, pp. 11-12).

Seria bom aqui acrescentar mentalmente (ou por escrito) outros da-

dos, próprios deste “evangelho às avessas” que acabamos de visualizar, comparativamente à passagem do evangelho de Lucas acima transcrita. Esse quadro comparativo permite analisar nossa própria condição frente ao Deus da Vida e aos ídolos.

Com sinceridade, examinando nossos próprios sonhos e nossas esperanças para o futuro, onde nos sentimos melhor? Em confronto com as bem-aventuranças o que nos falta para associar-nos efetivamente aos bem-aventurados?

3. Algumas conclusões

- O comportamento humano, qualquer que seja, tem o poder de desencadear atrás de si uma atitude fundamental favorável ao Deus da vida ou contrária a ele e favorável aos ídolos. Não há comportamento moral neutro. Todo e qualquer ato humano, ao ser praticado, confere naquele mesmo instante, em volta de si, uma situação de graça ou de pecado.

- O projeto idolátrico carrega em si a violência, em oposição ao evangélico que traz em si o amor. O projeto idolátrico apodera-se do que é próprio de Deus, conferindo-o aos ídolos.

- A prática idolátrica constrói uma moral própria, que incentiva as pessoas a se voltarem para dentro de si, olharem para seus próprios interesses, buscarem o lucro e levarem vantagem; em oposição à ética afinada com os princípios do evangelho, que se preocupa em construir a

partir das categorias do reino de Deus, tais como a valorização ao comunitário, a partilha fraternal dos bens, a solidariedade compassiva...

• A questão maior entre nós, no que se refere à evangelização, não é a do ateísmo, mas a da idolatria geradora de violência e de vítimas humanas em profusão.

• A prática idolátrica cria uma moral própria que se confronta com a dinâmica dos evangelhos. É preciso estar de "antenas bem reguladas" para sintonizar os sinais que nos vêm do coração do evangelho, permitindo somente aos sinais desta fonte serem companheiros de caminhada em nossa missão específica na Igreja.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Procure caracterizar brevemente: a) O que é próprio das pessoas que assumem o projeto de Jesus Cristo, em favor do Deus da Vida? b) O que é próprio das pessoas que assumem o projeto do sistema idolátrico, em favor do sistema sacrificial?

2. É possível conciliar as linhas básicas do neoliberalismo com o projeto de Jesus? Justificar a resposta.

3. Procure criar um quadro comparativo ao evangelho de Lucas 6,20-26, colocando de um lado o texto do evangelho e do outro o "evangelho às avessas" próprio das pessoas que assumem o sistema idolátrico no hoje da história. Comparar esse quadro com aquele feito por outras pessoas (ou fazer conjuntamente o quadro comparativo) e deixá-lo exposto no mural da comunidade por algum tempo.

Sistema de valores baseado na verdade

Como ajudar os jovens? Só se despertarmos neles uma elevada compreensão moral é que a sociedade poderá assegurar aos jovens uma possibilidade de amadurecer como seres humanos livres e inteligentes, dotados de um sólido sentido de responsabilidade no que se refere ao bem comum, capazes de trabalhar com os outros na criação de uma comunidade e de uma nação dotadas de forte fibra moral. A todos apresento este convite: detenhamo-nos e raciocinemos juntos. Educar sem um sistema de valores baseado na verdade, equivale a abandonar os jovens à confusão moral, à insegurança pessoal e à manipulação fácil. Não há país, nem mesmo o mais poderoso deles, que possa durar privando os seus próprios filhos destes bens essenciais. O respeito pela dignidade e pelo valor de cada pessoa humana, a integridade e a responsabilidade, a compreensão, a compaixão e a solidariedade para com os outros, tudo isto só poderá sobreviver se for transmitido nas famílias, nas escolas e mediante os meios de comunicação social. *João Paulo II, no aeroporto de Denver, EUA, no dia 11 de agosto de 1993.*

UM SÍNODO PARA A VIDA CONSAGRADA

LEITURA E COMENTÁRIOS AO TEXTO PREPARATÓRIO (TP)

*Um texto de muitos traços: doutrinal,
ambíguo, repetitivo,
cheio de brechas que valoriza
os carismas e possibilita o "novo".*

Marcial Maçaneiro, SCJ
Belo Horizonte, MG

“Um Sínodo para a vida consagrada”: é o título de abertura do *Lineamenta*, texto preparatório da próxima assembléia sinodal, em 1994. Este texto preparatório (TP) tem caráter provisório: “serve apenas para indicar o tema e favorecer o seu estudo prévio”. Representa “uma fase terminada do processo sinodal, que é a da sua reflexão, e visa tornar o debate sinodal mais correspondente com as expectativas do Povo de Deus e mais eficaz no seu serviço eclesial” (TP, apresentação, p. 6). Daí o nome de *Lineamenta*: “linhas gerais”.

Deste TP até a assembléia sinodal, porém, devemos participar to-

dos: leigos e leigas, demais bispos, agentes pastorais e, sobretudo, homens e mulheres consagrados. Falar hoje da “Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no Mundo” é uma tarefa providencial: este Sínodo, mais que outros, deve ser um *kairós feito em mutirão*. O momento é de exame atento, partilha e encaminhamento de propostas.

Estas páginas são uma contribuição neste processo. Procuramos ler e avaliar o TP em duas “leituras”: uma LEITURA GERAL, apresentando o método, objeto, fontes, luzes e limites do *Lineamenta*; e uma LEITURA TEMÁTICA, elencando, com alguns comentários, certos temas importan-

tes para a vida consagrada atual: seguimento de Cristo, o "novo", mulher, opção pelos pobres, juventude, inculturação, ecumenismo e espiritualidade. São temas-eixo: ao seu redor tecemos considerações mais abrangentes. Pois toda LEITURA TEMÁTICA é limitada pelas próprias opções feitas. Mas sobretudo procuramos LER este TP em tom de crítica e esperança, mostrando também suas propostas positivas, aberturas e possibilidades a serem trabalhadas. Esperamos de coração que estas duas LEITURAS sejam uma contribuição à sua avaliação pessoal e comunitária.

I. LEITURA GERAL

Antes de uma leitura temática, partilhamos algumas observações gerais, para melhor avaliar este Texto Preparatório (TP ou *Lineamenta*):

a. *Um Sínodo para a vida consagrada*: "O objeto preciso do Sínodo é a natureza (identidade) e a função (dom, missão; *munus*) dos Institutos de vida consagrada, nas diferentes formas reconhecidas pela Igreja. No entanto, o tema escolhido para o Sínodo abrange também as Sociedades de vida apostólica, pela afinidade que têm com a vida consagrada, atendendo às suas peculiaridades de vida e apostolado" (TP 1). O "objeto" está claro, Porém uma leitura mais atenta de todo o TP nos faz perceber que os dados apresentados são insuficientes: a abordagem doutrinal, os limites de conteúdo e a distância "eclesial" entre redatores e

certas experiências históricas da vida religiosa atual não permitem que o texto responda à altura deste objeto. O TP servirá, é certo, para uma reflexão prévia e provisória. Mas não responde a todas as questões, por sinal extremamente complexas, que hoje envolvem a identidade e a missão dos consagrados e consagradas. Já no que se refere à abrangência, o TP opta por certa abertura: não se destina apenas à vida religiosa, mas à toda a vida consagrada, servindo também aos novos estilos de consagração reconhecidos pela Igreja.

b. *Fontes de reflexão*: pela complexidade e importância providencial (o Sínodo quer ser um *kairós*) qualquer reflexão sobre a vida consagrada deve estar atenta a quatro fontes inspiradoras: 1. a livre ação do Espírito que se deixa perceber na vida dos Fundadores e Fundadoras; 2. a caminhada histórica da vida religiosa/consagrada no passado e no presente; 3. outros pronunciamentos do magistério; e 4. a palavra teológica emergente da própria vida consagrada. Vejamos de que forma o TP bebe e se inspira nestas fontes:

— *A ação do Espírito revelada na vida dos Fundadores e Fundadoras*:

Esta fonte é aquela *fonte carismática*, onde o Espírito provoca o novo profético e missionário mediante alguém que se deixa tocar pelo Evangelho e se dispõe a seguir a Cristo numa radicalidade de toques originais. O seguimento, que é um fato eclesial presente em

tradições anteriores, é re-assumido pelos Fundadores e Fundadoras com traços novos — o que se chamará, depois, a “experiência do fundador”. É nesta experiência de fé, carregada de compromisso e discernimento, que o Espírito de Deus fala, se pronuncia, e declara algo sobre a vida consagrada: o novo, o profético e tudo o que será vivido posteriormente já está, em semente, no carisma fundacional. É o Espírito se pronunciando e inaugurando — a cada experiência — a novidade perene da vida consagrada. A fidelidade dinâmica e a releitura atenta do carisma de origem nos permite continuar sendo, para a Igreja e o mundo, um “pronunciamento” do Espírito, conservando aquela novidade profética e missionária presente no Fundador, na Fundadora. Esta “fonte carismática” está presente na Primeira Parte do TP, dos n. 14 a 17. O título é: “Variedade carismática e pluralidade de Institutos de vida consagrada e de sociedades de vida apostólica”. Partindo de uma raiz trinitária (cf. 1 Cor 12,4-6) o TP diz que os carismas “são concedidos para o bem comum, em ordem à comunhão e missão da Igreja” (TP 14). Fala do “carisma da vida consagrada” numa perspectiva de seguimento e lembra que a Igreja está qualificada para se pronunciar sobre os carismas dos Fundadores e sua legitimidade eclesial. Em seguida o TP ensaia uma “teologia dos carismas” (cf. 15): todo carisma é graça do Espírito. Destina-se à edificação do Corpo de Cristo: deverá ser acolhido com gratidão (é dom)

e discernimento. Cada carisma é “um dom da graça, que realça particularidades do mistério de Cristo e da vida da Igreja, manifestando, assim, no tecido do Corpo Místico, a multiforme graça de Cristo” (TP 15). Trata-se de um sinal. De uma memória viva e missionária da pessoa de Jesus, privilegiando um aspecto-eixo da vida do Mestre: o Cristo que ora e louva (carisma beneditino); o Cristo de coração aberto e oblato (carisma dehoniano); o Cristo que unge e cura (carisma camiliano); o Cristo pobre e despojado (carisma franciscano), etc. Tais carismas possuem uma forte dimensão histórica: nascem no tempo, com a cultura e matizes da história. Por isso o carisma deverá ser transmitido, vivido, guardado, aprofundado e constantemente desenvolvido, em sintonia com o Corpo de Cristo continuamente a caminho (cf. TP 16). O texto exorta a que se volte às fontes originais, para ler, interpretar e renovar dinamicamente o carisma dos Fundadores: A vitalidade e o serviço eclesial dos consagrados/consagradas “dependem da fidelidade ao dom de graça que o Espírito Santo derramou no carisma de origem” (TP 17).

— *A caminhada histórica da vida consagrada, no passado e no presente:*

Deus fala na história. O processo histórico vivido pelos consagrados foi e é epifania do Espírito. Por entre medos e tropeços, a graça sempre se mostrou eficaz, superando limites e comodismos. As-

sim caminhou a vida consagrada, com homens e mulheres dispostos a recuperar o profetismo do evangelho. Antão vai ao deserto, como fez João Batista e o próprio Cristo: faz do deserto lugar de martírio. Pacômio organiza a comunidade em torno de valores evangélicos radicais. Quando a sociedade padece crises e desajustes, surge o monacato: o mosteiro passa a encarnar o sonho da "cidade nova". Depois, com Francisco e Domingos a vida consagrada prioriza o seguimento do Cristo pobre e terno, descalço e pregador. A modernidade assiste a chegada de Inácio, mestre do discernimento. Até nossos dias a vida consagrada é sopro de Deus, renovando e falando na História: Bento, Bernardo, Teresa, Charles de Foucauld... Esta "fonte histórica" é imprescindível. O TP nela bebe em alguns números: "a história da vida consagrada proporciona lições salutares" — diz o n. 17. E fala dos Institutos seculares como "novidade típica do nosso século". E conclui: "ainda hoje nascem ou se renovam formas de vida consagrada". Mais adiante, no n. 46, o TP reconhece a ação do Espírito nos grandes mestres e Fundadores, e cita explicitamente as "santas mulheres" e as "virgens consagradas": um reconhecimento merecido! Entretanto, quando se trata de ler pneumatologicamente o tempo presente, há um certo medo... O TP fala de valores atuais da vida consagrada, como inserção, opção pelos pobres, mulher, etc., mas termina em tom de freio, colocando no lugar de um incentivo uma sutil advertência (cf. n.

29: os mesmos temas que apareceram antes como "res novae" — novos valores — agora recebem advertências). Falta reconhecer que o novo sempre nasce sem rosto definido. Nasce pobre e ambíguo, como graça, e não como modelo ou sistema acabado. O novo deverá ser acolhido, cultivado e avaliado, até que mostre seu rosto adulto para toda a Igreja. O documento poderia muito bem iniciar com um ver eclesial, para perceber o novo emergente na história, e depois publicar uma palavra mais leve, forte e terna de incentivo.

— *Outros pronunciamentos do magistério:*

O magistério serve ao Povo de Deus com uma palavra de sabedoria e discernimento. A palavra magisterial está a serviço da Palavra Revelada na escritura e na caminhada da Igreja e seus fiéis. Por isso, é natural que todo documento — mesmo provisório — faça memória de pronunciamentos anteriores. "Sem tornar a repetir o que a autoridade no Magistério já propôs, ter-se-ão presentes, nesta exposição, as linhas doutrinárias essenciais" (TP 4). E todo o TP é uma enxurrada de documentos: *Mutuae relationes, Evangelica testificatio, Perfectae caritatis, Religiosos e promoção humana, Direito Canônico*, etc. — Desta fonte o TP bebe com gosto! Diria: com certo exagero. O correr do texto está repleto de citações, referências e até paralelos explícitos com documentos anteriores. É saudável beber desta água. Mas é também

saudável descobrir novos córregos. Por fim, temos um TP de tom demasiado doutrinal (com exceção de algumas pérolas como nn. 19/b, 21, 46...). Seria providencial, nestes tempos de crise e perplexidade, um documento mais inspirante, que trouxesse uma leitura nova da vida consagrada, na trilha de *Perfectae caritatis*, porém com sabor renovado de esperança. Para que isso aconteça, o Sínodo deverá beber de outra fonte:

— *A palavra teológica emergente da própria vida religiosa:*

A vida consagrada não é invenção da Igreja. É dom do Espírito. Deste dom têm consciência aqueles e aquelas que o experimentam. O magistério lê e discerne tal experiência, mas não a pode definir, regulamentar de modo perpétuo ou fazer pronunciamentos ingênuos. Seria incompetência explícita. Daí a importância da palavra teológica que emerge na própria vida consagrada: ela representa a consciência que os consagrados têm de si mesmos e de sua vocação. Ultimamente, na América Latina e demais países, tem florescido uma teologia da vida consagrada bastante rica: feita em mutirão, formal e informalmente, atenta à Tradição e aos novos sinais dos tempos. Uma teologia feita de paixão e martírio, para tempos de transição e buscas. O TP, porém, bebe muito pouco desta fonte teológica... (há uma citação de S. Bento no n. 7, e outra de S. Agostinho, no n. 9). Daí uma insuficiente abordagem de temas como inserção, feminino, in-

culturação, etc. Estas realidades não são absolutamente novas: Francisco e os mendicantes já viviam um estilo de inserção, assim como Anchieta e o Pe. Ricci ensaiaram a inculturação. Não se trata apenas de o TP fazer memória destes "teólogos" de ontem. Mas de ouvir com sabedoria a palavra teológica atual: muita gente tem se aplicado com inteligência e coração para criar uma Teologia da Vida Consagrada à altura das exigências de hoje. Sem esta fonte, sobretudo descoberta nas periferias e fronteiras onde sopra o Espírito, um documento sofrerá graves limites: será regulador sem humildade, perderá o sadio pluralismo e correrá o risco de ser pouco apreciado profeticamente.

c. *Tripé magisterial*: "O apelo à nova evangelização está hoje no centro da missão da Igreja. Diz respeito a todos: clérigos, religiosos (consagrados, mais adiante) e leigos" (TP 42). Esta frase elenca os principais atores da nova evangelização. Os Sínodos mais recentes se dedicaram à vocação e missão dos leigos (*Christifideles laici*) e à formação e vocação clerical (*Pastores dabo vobis*). Com o próximo Sínodo completa-se um tripé magisterial, publicando orientações sobre e para a vida consagrada. Este horizonte da nova evangelização, onde o TP procura situar os consagrados, mereceu um denso trecho (cf. 43-44).

d. *Método*: O TP (ou *Lineamenta*) tem a finalidade de "ajudar a refletir sobre a natureza e iden-

tidade da vida consagrada (primeira parte), a sua situação (segunda parte) e a sua missão (terceira parte)” (TP 4). Esta sequência nos revela o método seguido: primeiramente uma iluminação teológica (aliás de linha teológico-canônica); depois os dados da realidade e, por fim, a missão. Em termos claros: Julgar-Ver-Agir. Um itinerário já habitual em documentos do magistério, inclusive Santo Domingo.

e. *Ponto de partida canônico*: Logo de início o TP cita o Direito Canônico (cf. n. 5). Com certeza os elementos teológicos ali contidos são ricos. Mas não são os únicos. Além disso, não é metodologicamente simpático tratar da vida consagrada (essencialmente carismática) com uma decolagem jurídica. Dá a impressão de que todo o texto restante será medido e avaliado do ponto de vista canônico. Uma falácia em termos de abordagem: não se pode definir canonicamente uma experiência carismática. A não ser que se reveja o Direito frequentemente. Pois o trecho citado (CIC 573) é limitado. Faltam elementos da vida consagrada, como: profetismo, atenção aos sinais dos tempos, a solidariedade evangélica e a vida de comunhão. Que este cânone é limitado todos compreendemos. Mas que se queira citá-lo como “definição teológica e canônica da vida consagrada” é presunção (cf. n. 5). Bem que se poderia abrir o TP com a *Perfectae caritatis* ou *Evangelica testificatio*, ou outra afirmação

mais rica de elementos e menos jurídica.

f. *Tipologia*: Esta limitação de uma definição teológico-canônica aparece no n. 18, quando o TP ensaia uma tipologia da vida consagrada. Diz: “as únicas formas de vida consagrada reconhecidas pela Igreja estão determinadas com exatidão no Código de Direito Canônico e no Código dos Cânones das Igrejas Orientais”. Em seguida o TP cita os Institutos religiosos, os Institutos seculares, as Sociedades de vida apostólica, a vida eremítica, as virgens consagradas e, numa breve abertura, as novas formas de vida consagrada (n. 18/f). A tipologia é variada e plural. Mas faltou terminar o item com maior atenção ao novo que está fervilhando inclusive dentro dos modelos clássicos de consagração: a solidariedade efetiva com os empobrecidos, a contemplação vivida na secularidade, experiências de partilha com leigos, a fundação de Fraternidades carismáticas e menos rígidas, etc. Em outros momentos o TP quase toca nestes pontos, mas perde a chance de elencá-los no n. 18.

g. *Outros limites*: Consideramos limitada a visão que o TP tem de “contemplação”. Mais que uma palavra, a “contemplação” é um dos faróis da espiritualidade latino-americana. Contemplar: olhar a realidade com os olhos de Cristo, para colher de cada momento histórico a Palavra de Deus ali oculta. Perceber o Hoje de Deus no kairós do cotidiano, como alertava

Jesus: "O aspecto do céu, sabeis interpretar; mas os sinais dos tempos, não podeis!" (Mt 16,3). O TP fala da contemplação (cf. nn. 11/e, 20, 29/f). Mas a restringe aos momentos explícitos de oração e à vida religiosa contemplativa. A clássica fórmula "in actione contemplativus" poderia ser retomada num contexto de modernidade. Outro limite, quando se trata da eclesialidade da vida consagrada, é tomar por eixo a obediência como *obediência submissa*. Não que esta obediência tenha perdido sua razão. Mas a obediência dos consagrados tenta resgatar a "obediência de Cristo" que foi "obediência profética": fazer antes a vontade do Pai que a vontade dos sistemas do mundo. O TP insiste tanto na obediência dócil e submissa, que dá a impressão de que se veicula entre os religiosos algum movimento perigoso de insubmissão. É só conferir alguns números: 28/c, 29/a, 36-37. Há também certas ingenuidades, como a insistência sobre o uso do hábito (TP 31/b).

h. *Luzes de esperança*: Do baú deste Texto Preparatório tiramos também algumas "coisas novas": luzes e esperanças:

— apesar de certas ambigüidades, o TP reconhece a vida consagrada como "experiência carismática" e reassume a fidelidade dinâmica aos fundadores na linha de *Perfectae caritatis* (n. 14-17);

— lembra a presença das mulheres na história da vida religiosa (n. 46);

— apresenta o "novo" como perspectiva permanente em diversos momentos, até com certa audácia pastoral (n. 24, 25, 27/a, 27/d);

— articula a vida consagrada em torno a alguns sujeitos da nova evangelização: mulheres (19/a), pobres (27/d), jovens (28/d, 29/f).

Alguns desses sujeitos reaparecem no n. 44.

— o TP também procura focalizar temas caros à vida consagrada latino-americana, como: inculturação (30/c, 32/c), serviço intercongregacional (27/b), promoção da caridade e justiça (29/g), a inserção (27/a), a valorização da dimensão laical (21) e o martírio (26/f);

— a indicação de "desertos" na missão: testemunho mais eficaz, empobrecidos (e novas pobreza), jovens, evangelização da cultura, justiça e paz, defesa da vida e ecologia (TP 44);

— tenta situar a vida consagrada como *sinal* dentro e para a Modernidade (TP 29);

— valorização do ecumenismo e partilha do carisma com leigos (TP 30/b, 41, 43).

Alguns temas-chave veremos a seguir, na Leitura Temática do TP.

II. LEITURA TEMÁTICA

Esta leitura é "uma" das leituras possíveis do TP. Também não é exaustiva, pois poderíamos acres-

centar outros temas importantes. Vamos abordar alguns temas-chave, expondo-os tal qual se apresentam no curso do TP, e procurando ressaltar aspectos positivos e/ou novos deste documento:

a. *O seguimento*: Seguir a Cristo é uma proposta evangélica endereçada a todos os cristãos. Para nós, consagrados, esta proposta é assumida com radicalidade expressa nos Votos (Compromisso, Promessa): além de seguir a Cristo nas suas "palavras" (*verba*), nos dispomos segui-Lo no seu "estilo pessoal" de vida: o seu caminho é o nosso caminho (*via*). Queremos viver à maneira dele, pobres (voto de Partilha), castos (voto de Fraternidade-Sororidade) e obedientes (voto de Comunhão). Neste "caminho cristão radical" (*via*) encontramos desafios históricos, culturais e eclesiais diferentes: daí o seguimento ser dinâmico — da dinamicidade do Amor (*dynamis*) — assumindo o novo que o Espírito provoca no tempo e nos lugares. A vida consagrada, mesmo imperfeita, nunca deixou de ser na Igreja e no mundo sinal deste seguimento. E isto é de extrema importância para nós, latino-americanos.

Neste sentido, o TP merece um elogio: ele não apresenta um item ou capítulo dedicado totalmente ao seguimento. Não expõe uma "teologia orgânica" do seguimento como ensaia, às vezes, um Jon Sobrino ou um Victor Codina. Mas assume o seguimento como perspectiva-forte: uma perspectiva que atravessa todo o documento preparatório:

— logo de início, no n. 1, diz que a escolha da vida consagrada como tema do Sínodo "manifesta, da parte da Igreja, um particular sinal de estima pela vida consagrada e constitui um acontecimento de graça para todos os chamados ao seguimento radical de Cristo, através dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência" (TP 1).

Depois o seguimento reaparece, sempre associado aos grandes temas do TP:

— até mesmo a definição canônica fala do seguimento de Cristo pela ação do Espírito (cf. TP 5);

— o seguimento abre o importante número sobre "Vocação, consagração e missão" (TP 6): o Cristo Senhor e Mestre convida ao seu seguimento, cuja resposta será dada na graça do Espírito, manifestando-se na "total entrega" e "oblação" dos consagrados. O seguimento de Cristo é favorecido pelos conselhos evangélicos, que tornam o consagrado uma pessoa livre e despojada para o serviço do Reino. É um modo carismático de inserção no mistério de Cristo e na missão da Igreja: o seguimento pela consagração nos faz "ungidos" no Ungido, com ele e como ele, profetas e missionários. Toda consagração comporta a missão (cf. Jo 10,36).

— O seguimento é também expressão do absoluto de Deus, que nos leva a procurar o "único necessário": uma expressão da *Perfectae caritatis* 5, inspirada em Lc 10,42, que reaparece no TP com

outras palavras: "O significado e a motivação do seguimento de Cristo, fonte de inspiração da vida consagrada no Oriente e Ocidente, podem resumir-se no antigo dito, recolhido por S. Bento na sua Regra: 'Não anteponham absolutamente nada a Cristo'" (TP 7; cf. tb. 11/b).

— Testemunhar a Cristo como "único necessário" é proclamar na vida a relatividade dos demais valores, a provisoriedade de todos os projetos (dimensão escatológica da consagração): nos propomos ser no mundo uma palavra julgadora dos projetos injustos e limitados, vivendo um estilo de comunhão e fraternidade que pre-anunciam o Reino definitivo, onde todos seremos irmãos e irmãs (TP 10).

— O seguimento, assim, exige que vivamos em fraternidade-sororidade: "a vida consagrada exprime saudade pelo modelo da comunidade primitiva de Jerusalém (cf. At 2,42-47) e o desejo de viver conforme o estilo da vida dos Apóstolos, que, ao longo dos séculos, se mantém como constante ponto de referência" (TP 9).

— Este seguimento é rico em expressões e carismas (TP 14), situando-se historicamente, e se renovando nas comunidades e nos corações (TP 17). A "reforma" é uma dimensão permanente do seguimento histórico de Cristo (*idem*).

— Além disso, na história o seguimento pela consagração nasceu "leigo": o ideal de ser Irmãos e Irmãs manifesta o seguimento dos

consagrados na sua límpida e original simplicidade (TP 21).

— Nosso seguimento é interpellado pelos sinais dos tempos: os pobres (TP 29/g), as culturas (TP 30/c), o mundo social e político (TP 30, 42, 44, 46).

b. *A novidade carismática e profética*: A Igreja nasceu "nova": Novo Povo de Deus, que vive um mandamento novo (cf. Jo 13,34) como cumprimento de uma Aliança nova e definitiva, que nos qualifica pelo Espírito como "novas criaturas" a caminho de "novos céus e nova terra" (cf. 2Cor 5,17; 2Pd 3,13). Desde Jesus, a caminhada histórica do Povo de Deus foi conjugação (até dolorosa) do *novo* e do *velho*. Uma constante luta, com dores de parto. Uma das razões de ser da vida consagrada é fazer memória desta novidade que o Evangelho exige. A vida consagrada é aquele lugar onde toda a Igreja acolhe e cultiva o *novo* inspirado pelo Paráclito. Em todos os momentos de crise, a vida consagrada foi provocada ao *novo*: o deserto, as primeiras comunidades, a itinerância missionária, a mendicância pobre e pregadora (Francisco e Domingos), a consagração na secularidade, as Fraternidades contemplativas-na-ação, etc. O novo se revela, assim, um dos elementos tradicionais da vida consagrada: acolher e dar à luz o *novo* é parte da tradição mesma dos consagrados. Para nós, o tradicional legítimo é o cultivo do *novo*!

Apesar de parecer contraditório (pois o TP parte do que se pres-

creve no Direito Canônico, n. 5) esta “novidade” carismática e profética da vida consagrada corta quase todo o documento. Assim como o Seguimento, o novo e a criatividade apostólica aparecem em muitos números:

— A vida consagrada, “dada a riqueza dos seus carismas destinados ao serviço do Reino, é chamada hoje a tornar-se cada vez mais generosa na nova evangelização do mundo atual” (TP 3). Pois somos consagrados “sob novo e especial título” à edificação da Igreja e à salvação do mundo: somos homens e mulheres novos a serviço de uma evangelização nova!

— “E ainda hoje nascem ou se renovam formas de vida consagrada” (TP 17).

— Depois do Concílio Vaticano II a vida consagrada “percorre hoje um novo momento histórico” (TP 25) com “novos valores e dimensões” (TP 27): Somos chamados a um “novo relacionamento de presença e comunhão” na Igreja local (27/a), cultivando “a nova sensibilidade social para com os oprimidos e marginalizados” (27/d). E o TP continua insistindo no *novo*. Talvez sem o querer, esta insistência é uma das grandes provocações do *Lineamenta* e, com certeza, possibilidade de fazer deste texto um texto profético:

— A eclesialidade da vida consagrada, “expressa como presença apostólica mais generosa, fruto da redescoberta do sentido eclesial dos Fundadores e das Fundadoras” leva a desenvolvermos “novas rela-

ções de comunhão e de colaboração com os clérigos e leigos” (TP 26/e): pode-se entender estas “novas relações” como o apostolado inserido nas Igrejas locais e a partilha do carisma-missão com leigos. O *novo* aparece, aqui, como fruto da eclesialidade — algo positivo!

— A vida consagrada é canteiro de novos carismas para servir às necessidades da Igreja e da sociedade (cf. TP 24; ainda 31/d).

— Estes “carismas da vida consagrada são hoje interpelados a exprimirem novos empenhos e soluções da caridade de Cristo, nas pegadas dos Fundadores, para irem ao encontro das novas e antigas situações de pobreza do nosso mundo” (29/g): note-se a carga profética que essa frase contém! — Suas conseqüências vão longe.

Uma das afirmações mais provocantes está no TP 33: “A comunhão dinâmica com os Fundadores estimula à máxima generosidade no seguimento e serviço de Cristo, em sintonia com a missão apostólica comum e com aquela carga de novidade genuína na vida espiritual da Igreja e de particular iniciativa operosa, que são próprias de todo o carisma autêntico” — Este número situa o *novo* no horizonte da missão, e apresenta a “novidade” e a “iniciativa operosa” (práxis) como afirmação dos verdadeiros carismas. No final do número cita-se a “vida evangélica” a “espiritualidade” e a “presença na nova evangelização”. Mais adiante, o TP traduz esta “novidade” e “iniciativa” como “genuína cria-

tividade apostólica”: trata-se de uma novidade pastoral e missionária! O *novo* não está apenas nos novos estilos de organização comunitária, mas está na missão. Os consagrados são convidados a uma pastoral mais criativa, atenta aos carismas específicos, de um lado, e às novas necessidades eclesiais e sócio-políticas, de outro.

Outros números do TP iluminam o “como” fazer isso: para atender às novas necessidades da Igreja e do mundo, espera-se dos consagrados e consagradas:

uma inserção mais ativa e específica na pastoral” (27/a);

“ministérios qualificados” (40).

O TP retoma o que já dizia a CRB: respeitando os carismas congregacionais e atendendo às diversas necessidades da Igreja, perceberemos que para determinada missão devem-se orientar determinados carismas. Nem todo carisma servirá a qualquer necessidade como nem todo consagrado pode pretender-se apto para qualquer missão pastoral. A presença dos consagrados deve ser qualitativamente nova: não estamos na Igreja para exercer “funções” — sobretudo aquelas que hoje o laicato pode cumprir. Também não estamos aí para ocupar o espaço do Templo. Ao Templo vão os levitas. Os profetas devem ir aos desertos (note-se que a exigência de “ministérios qualificados”, do n. 40, se refere aos religiosos-padres). Sem esta criatividade atenta e disponível em responder, fazemos da vida consagrada uma Instituição a mais...

Recuperar o *novo* na missão é responsabilidade nossa: só assim oferecemos ao Povo de Deus o nosso “contributo carismático próprio” (TP 34; cf. também: CRB — *Identidade e missão da Vida Religiosa na Igreja do Brasil*, 1992, p. 31-35).

c. *O novo e seus sujeitos*: O incentivo à criatividade apostólica se destina aos consagrados e consagradas. Mas em alguns momentos o TP associa este *novo* a três outros sujeitos: a mulher, os jovens e os pobres.

— *A mulher: profetismo e admissão ao Sacerdócio*:

Ninguém pode deixar de celebrar uma Teresa d'Ávila ou uma Clara de Assis! Foram lugar de novidade carismática para a Igreja. Uma novidade desafiadora, que ainda hoje ecoa cheia de profecia. Teresa-mulher, Teresa-forte, Teresa-doutora, fundadora de comunidades, escritora e mestra, prisioneira por causa da Palavra e sempre livre pelo Espírito. Clara, mulher-terna, mulher-pobre, mulher-luz! E assim poderíamos elencar muitas outras. A importância da mulher consagrada é um dos marcos da vida religiosa latino-americana. Há muita expectativa, portanto, em torno ao *Lineamenta*. Alguns números se referem à mulher: o TP 19/a reconhece a importância da vida consagrada feminina: seu apostolado, sua “maternidade espiritual”, com um convite a que se reflita mais sobre o fe-

minino. E conclui o número associando a mulher consagrada às "novas formas apostólicas de serviço". Um outro número fala da inserção da mulher na vida e missão da Igreja (TP 29/d). Há, ali, uma ressalva quanto à ordenação de mulheres. O tema porém, é pouco aprofundado, e se argumenta negativamente (como era de se esperar...). O argumento parece destinar-se mais à mulher em geral. Não fica claro que o TP esteja falando das religiosas. Diz: "Por vezes, um feminismo mal-entendido levou a reivindicar o direito de participar na vida da Igreja em formas que não são compatíveis com a estrutura hierárquica conforme a vontade de Cristo" (TP 29/d). Uma afirmação grave, que merece duas observações:

Primeiramente: em se tratando da mulher em geral (e não explicitamente da religiosa) este argumento desfavorável à ordenação da mulher é uma falácia. Dizer que o sacerdócio feminino não é compatível com a estrutura hierárquica da Igreja é algo certo: não há espaço com este modelo hierárquico que está aí. Mas dizer que não é compatível com a vontade de Cristo é uma armadilha teológica. Levando em conta a "vontade de Cristo", também outros serviços eclesiais ficam sob exame: por exemplo, o modelo de papado... Não há orientações de Cristo sobre o estilo de ministério que os sucessores de Pedro deveriam exercer. Não que Cristo precisasse legitimar este serviço "ex verba" e

em detalhes. Não. Pois a Igreja mesma, como Corpo animado pelo Espírito tem autoridade (é também "autora" da Palavra) para regulamentar o ministério petrino à luz do Evangelho. Foi assim que fizeram os Apóstolos: escolheram Matias no lugar de Judas, resolveram problemas pastorais em Antioquia (At 15), instituíram diáconos e diaconisas (cf. At 6; 1Tm 3,8-11: cf. notas da TEB e Bíblia de Jerusalém), e Paulo — que não era dos Doze — compôs uma preciosa teologia dos carismas (cf. 1Cor 12-14). Ou seja: iluminados pelo Evangelho, atentos aos sinais dos tempos, e sob a guia do Espírito, os Bispos têm suficiente autoridade para instituir a ordenação às mulheres (outras questões são o momento mais oportuno, as conseqüências ecumênicas do fato e a regulamentação canônica do ministério ordenado feminino).

Mas, segunda observação, quando se trata da ordenação de religiosas — aí sim os argumentos mudam. Não por se questionar a competência teológica e ministerial da mulher consagrada. Se isso fosse determinante, teríamos muitas religiosas candidatas ao sacramento da Ordem. O fato, porém, é outro: a mulher consagrada (e, o que é grave, o homem consagrado) deveriam ser ordenados? É esta a forma atualmente mais necessária e profética de se viver a consagração? O que de fato queremos: uma volta à simplicidade evangélica, itinerante e carismática; ou o exercício da consagração-missão

como padres e madres ordenados?... Aonde nos dirigimos prioritariamente: ao Templo, ou aos Desertos? Somos chamados pelo Espírito a que tipo de serviço e a que tipo de presença?... Note-se que a própria CRB alertou sobre a clericalização dos religiosos: "É preocupante o processo de clericalização de certas comunidades religiosas femininas. A falta de clero e a incapacidade de a Igreja dar solução ao problema fez com que se multiplicassem as Irmãs-párocas, suplentes dos padres inexistentes. Há mesmo, entre o povo, quem faça comparação entre a 'missa do padre' e a 'missa da irmã', com vantagem para a última... Também não se pode passar por alto o fato de religiosos assumirem paróquias, a pedido dos Bispos, sem chance de em nada se distinguir dos padres seculares" (CRB: *Identidade e missão da VR na Igreja do Brasil*, 1992, p. 32). O título deste item da CRB é um alerta: "nivelar é aniquilar".

Que se questione teológica e eclesialmente a admissão das mulheres à Ordenação, é um procedimento legítimo e necessário: certas estruturas machistas e misóginas precisam ser superadas. Mas quando se trata de admitir religiosas à Ordem, os argumentos mudam, porque mudou o sujeito: existe uma consagração anterior à Ordem, de caráter mais carismático que hierárquico, e que, no serviço e vocação da mulher consagrada, assume critérios de juízo sobre as outras opções. Pessoalmente, acredito que no momento o Espírito nos provoque profetica-

mente, muito mais para recuperar a simplicidade missionária e carismática dos consagrados (inclusive homens), em busca de novas presenças e novos modelos de inserção, do que perseguir a Ordenação com os riscos de clericalizar a mulher consagrada. Como consagrados e consagradas, defendemos como possibilidade a Ordenação de mulheres (provenientes do laicato, e sem exigências de celibato). Mas o carisma e a missão da religiosa parece ser de outra natureza. O momento pede um sério exame sobre o *sentido* e a *felicidade* da mulher consagrada.

— Os jovens: insatisfação e buscas

Grandes vocações nasceram na juventude: Samuel, Gedeão, João Evangelista, Maria; mais tarde João da Cruz, Francisco, etc. A juventude é terreno do novo. O TP reconhece isso: "Constata-se, por vezes, na juventude uma falta de entusiasmo pelas formas atuais de vida consagrada e, ao mesmo tempo, um desejo de regresso à tradição ou de novas formas, mais simples, de serviço à Igreja local" (28/d). Não foi esse o "sentir" de Francisco, Domingos, Charles de Foucauld, Basilea Schlink e Roger Schutz? Uma santa e sadia inquietude, saciada no que há de novo e melhor na Tradição e possibilidades da vida consagrada? É preciso pedir a Deus a graça de perceber esta inquietude dos jovens como *kairós*, ajudando-os a discernir o que é bom, e possibilitando as melhores escolhas. Na vida religiosa ainda se considera pouco a juven-

tude. Sobretudo a juventude consagrada: se são rapazes nivela-se com o título errôneo de "seminaristas" (pois se já têm votos são *consagrados*, e não um ensaio de padres); se são garotas, as tratamos pelo grau que ocupam na formação. Aqui a modernidade não chegou: é preciso criar a consciência de consagração desde o Noviciado, e tratar os jovens consagrados como tal, partilhando responsabilidades da congregação e da pastoral, para educar à radicalidade que a vocação religiosa requer.

Em outros números o TP fala da juventude em geral, num contexto de modernidade (n. 29/f) ou como campo de evangelização (n. 44/b). Há uma boa análise dos problemas que afligem a juventude (desilusão, ídolos efêmeros, pobreza extrema, desemprego, ausência de perspectivas). Falta, porém, acentuar a riqueza que advém da juventude e sua capacidade de protagonismo social e eclesial (tão presentes em Santo Domingo: DSD 111, 115, 119, 130, 293, 302).

— *Os pobres: das novas pobreza às novas opções*

O número onde mais aparece a palavra "novo" é o TP 27/d: "A nova sensibilidade social para com os oprimidos e marginalizados, a atenção dada às minorias étnicas e às novas pobreza da sociedade contemporânea viram novas presenças e opções apostólicas e missionárias, em novos campos e áreas de apostolado, também como resposta concreta às exigências da ca-

ridade evangélica e da justiça, à atuação do carisma de fundação e ao desejo de tornar presente e operante a Igreja entre os 'mais pequenos', com quem o próprio Cristo misteriosamente se identificou (cf. Mt 25,35-40)". É a primeira menção da opção pelos pobres no TP, apresentada como um "novo valor" da vida consagrada (TP 27). Como a referência é a renovação conciliar, este número fala da opção pelos pobres com uma mínima base cristológica: "... os mais pequenos, com quem o próprio Cristo misteriosamente se identificou": *misteriosamente*, pois alude a Mt 25,35-40. Mas uma abordagem mais cristológica (como fazemos na América Latina) enriqueceria o TP, mostrando que Cristo se identificou com os excluídos também *historicamente* (cf. Mt 8,20). É no seguimento do Jesus histórico que a vida consagrada latino-americana descobre o rosto dos empobrecidos. Por outro lado, a expressão "novas pobreza" nos permite uma considerável abertura às minorias étnicas, outras formas de exclusão e marginalização, incentivando ali uma presença "nova" e "operante" (cf. TP 27/d).

Mais adiante, o TP retoma a opção pelos pobres: fala das Bem-aventuranças e das obras de misericórdia (44/a), e depois se refere aos pobres: "O amor preferencial pelos pobres levou muitos a fazer generosas e arriscadas escolhas de vida. Não há, decerto, incompatibilidade entre a vida consagrada e a opção pelos pobres do Se-

nhor. Ao contrário, uma tal opção tem sido característica constante dos carismas apostólicos, inspirados que foram muitas vezes nas palavras e exemplos do Senhor, enviado a 'evangelizar os pobres' (Cf. Lc 4,18)" — aqui se recupera, por alto, a base cristológica da opção pelos pequenos (TP 44/c). E continua falando da *inserção*: "Uma presença efetiva em situações de pobreza e a inserção de comunidades em áreas de miséria e marginalização constituíram, nos últimos decênios, o sinal de uma vida consagrada que abraça plenamente, não só a pobreza, mas também a vida dos pobres, os seus riscos, penas e problemas". A conclusão do TP 44/c alerta sobre os erros de uma opção ideológica pelos pobres, em detrimento das motivações evangélicas.

d. *A inculturação*: toda vez que o TP situa a vida consagrada no horizonte da modernidade já está, de certa forma, tocando na questão da inculturação. Mas trata da inculturação mais explicitamente como inculturação da vida consagrada na missão: "Um dos problemas fundamentais que hoje se levanta é precisamente o do justo equilíbrio entre a identidade da consagração e a própria cultura. Onde existem várias religiões tradicionais, põe-se também o problema da inculturação. A proclamação do Evangelho, a celebração litúrgica e a práxis dos grandes valores da espiritualidade, segundo as próprias tradições ascéticas, deverão encontrar o modo de favorecer o diálogo inter-religioso, sal-

vaguardada a identidade católica" — Aqui a preocupação gira em torno das "jovens Igrejas", onde a vida consagrada realiza sua missão, e onde acolhe novas vocações (TP 30/c). Um pouco depois, ao tratar dos "problemas prioritários" da vida consagrada (TP 32) a inculturação reaparece: "Também a inculturação da vida consagrada constitui hoje um desafio fundamental". E localiza explicitamente a inculturação como desafio à "vida consagrada autóctone nas jovens Igrejas" (TP 32/c). Porém não aprofunda a questão. Apenas acena para a inculturação do carisma, e depois remete o leitor à *Redemptoris missio*: "Assim, os diversos carismas lançam raízes nas várias situações geográficas e culturais, com a perspectiva de uma nova floração de formas e valores na vida consagrada. As orientações de João Paulo II na encíclica *Redemptoris missio* oferecem uma doutrina clara e sólida em propósito" (TP 32/c). Concluimos que a inculturação no projeto e na missão dos consagrados deverá ser mais aprofundada durante o Sínodo.

e. *A vida consagrada e a Oikoumène*: Entre os principais objetivos do Concílio Vaticano II estava o empenho em promover a unidade visível dos cristãos (cf. *Unitatis Redintegratio*, 1). Desde Maurice Villain e Yves Congar foi cultivada uma rica Teologia Ecumênica (ou Teologia da Unidade), à luz das palavras do Senhor: "Que todos sejam um, para que o mundo creia" (Jo 17,21). A Igreja reconhece o status eclesial de outras

Comunidades cristãs e são fundados grupos-mistos de peritos para o diálogo teológico entre as Igrejas. Já envolvida neste empenho, a vida consagrada soube ser profética: surge a Comunidade Monástica de Chevetogne (Bélgica) onde convivem monges católicos e ortodoxos-orientais e, entre o protestantismo a Comunidade de Taizé, com Roger Schutz (comunidade, aliás, anterior ao Vaticano II).

Muitos religiosos e religiosas, nos últimos anos, têm se dedicado à tarefa ecumênica, a nível espiritual, teológico ou pastoral. O TP fala do ecumenismo como campo de ação dos consagrados (n. 35). E incentiva o diálogo e partilha com a Vida Religiosa do Oriente: "Nas nações em que é majoritária a presença dos irmãos das outras Igrejas cristãs, espera-se também da vida consagrada um devido contributo no âmbito da ação ecumênica, tendo presente as riquezas do monaquismo oriental" (TP 30/b, cf. ainda 19/c).

Depois, ao tratar da "vida consagrada na Igreja-missão" (TP 42-44) há uma abertura às experiências de consagração das Comunidades Evangélicas: "Os membros dos Institutos têm, neste campo ecumênico, uma missão especial, mediante o diálogo com as experiências espirituais afins das outras Igrejas e confissões cristãs, com um ecumenismo espiritual da conversão, da oração, do diálogo e da mútua edificação, partindo sempre da própria identidade na fé e no carisma" (TP 43). Trata-se de um (possível) reconhecimento magisterial, da parte da Igreja Católica, sobre a legitimidade carismática da

Vida Consagrada não-católica. Não que os ortodoxos e evangélicos necessitem deste reconhecimento. Mas ele é salutar, inclusive para nós, religiosos católicos. Pois é um reconhecimento na caridade, confirmando a ação do Espírito "que sopra onde quer" (Jo 3,8).

Aproveitando esta abertura, uso deste espaço para propor à CRB a organização de um Grupo de Diálogo com a Vida Consagrada não-católica. Existem diversas comunidades, inclusive no Brasil: a Ordem Auxiliar das Senhoras Luteranas (Schwesterns ou Diaconisas), a Irmandade Evangélica de Maria (em Curitiba) e os Irmãos de Taizé (em Alagoinha, Bahia).

f. Por uma "Pastoral da Espiritualidade": A espiritualidade é outro tema latente no Texto Preparatório: — o seguimento (n. 6); testemunho (n. 8); Projeto de vida (n. 9); consagrados: sinal escatológico do Reino (n. 10); adesão a Cristo (n. 7); "lectio divina", contemplação e vida sacramental (n. 26); espiritualidades próprias (n. 26); contemplação, ascese, liturgia e oração pessoal (n. 32/b); apelo a uma "profunda espiritualidade" (n. 33); e, ao final do Documento: "A vida consagrada é como que uma síntese da história da Igreja e da espiritualidade cristã através dos séculos" (n. 46).

No conjunto do TP (além dos números citados acima) a espiritualidade ganhou um espaço específico: "Valores essenciais e empenho de vida espiritual" (TP 11-13). Sob este título aparecem os "valores" e os

“aspectos” da espiritualidade na vida consagrada:

— *Valores*

renúncia ao mundo e escolha radical exclusiva de Deus (radicaliza-se a consagração batismal);

sentido cristocêntrico da consagração (seguimento de Cristo, o único necessário);

dimensão pascal da consagração (participação no mistério de Cristo: sua kênosis, a vida segundo o Espírito, a alegria, a fidelidade, a novidade de vida, em ordem a um testemunho autêntico da Ressurreição);

a dedicação total ao serviço do Senhor na Igreja (eclesialidade e centralidade do Reino);

a unidade vital entre contemplação e ação (a busca de Deus e a generosa dedicação apostólica).

— *Aspectos*

o primado da caridade perfeita para com Deus e o próximo (manifesto na profissão e vivência dos conselhos evangélicos);

renovar-se a cada dia nas fontes genuínas da espiritualidade cristã (liturgia, eucaristia, oração comunitária, tradições do Instituto);

assídua leitura, meditação, contemplação e experiência da Palavra de Deus (a “lectio divina”, oração pessoal e comunitária);

o empenho de contínua conversão (abnegação evangélica, ascese, sacramento da reconciliação, retiros);

devoção a Maria (modelo e padroeira dos consagrados e consagradas,

deve ocupar um lugar de destaque na espiritualidade).

“Estes aspectos constituem os valores essenciais que deverão ser vividos e testemunhados na Igreja, em conformidade com a síntese carismática própria de cada forma de vida consagrada e de cada Instituto” (TP 12, no final). A lista de valores e aspectos, porém, é reconhecida como “resumidamente” descrita (TP 13). Na linha da espiritualidade latino-americana, além destas fontes e valores clássicos, poderíamos acrescentar: a solidariedade evangélica com os pequenos, a contemplação dos sinais dos tempos na História, a leitura profética da Palavra de Deus, a vida comunitária e o martírio. Alguns valores clássicos, como a dimensão pascal da consagração e a “lectio divina” estão presentes, com nova cor, na espiritualidade latino-americana: a festa, a dança a alegria celebrativa (dimensão pascal), e o projeto “Tua Palavra é Vida” (a “lectio divina”).

Um *fato novo* neste TP é a proposta da espiritualidade, não só como valor essencial da vida consagrada, mas como uma missão: “Hoje são também necessários os aprofundamentos catequéticos; é urgente a proclamação da verdade evangélica sobre os maiores problemas da existência humana (...). Sente-se, além disso, a necessidade de um amadurecimento da experiência cristã das pessoas e dos grupos, através de uma pastoral da espiritualidade, rica de iniciativas. Deve esta fazer progredir a vocação cristã de todo o Povo de Deus, favorecer a resposta à chamada universal à santidade, formar autênticos apóstolos de Cristo para

o nosso mundo. O patrimônio de espiritualidade e de apostolado dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de vida apostólica deve ser orientado para este particular serviço aos fiéis, como contributo à nova evangelização” (TP 43).

Uma proposta feliz! Nossa espiritualidade e missão não é monopólio: somos os primeiros administradores de um tesouro que pertence a todo o Povo de Deus. Partilhar este tesouro espiritual e missionário com os leigos é um “serviço”. “O mundo de hoje precisa de evangelizadores do amor de Deus e de arautos da transcendência e do sobrenatural, com claro testemunho do sentido escatológico da vida, da cultura, do trabalho, do compromisso em favor dos irmãos, oferecendo a este mundo o espírito das Bem-aventuranças e os carismas do Espírito, que conduz a História em direção ao Reino” (29/e). E nesta missão de uma Pastoral da Espiritualidade os contemplativos poderão oferecer valiosa ajuda: “As grandes tradições espirituais da vida consagrada, especialmente da vida monástica e contemplativa, através de uma adequada pastoral da espiritualidade cristã, podem dar um precioso contributo à renovação da sociedade”. E ao mesmo tempo “a vida espiritual dos leigos, sobretudo de alguns movimentos e associações eclesiais, constituem um estímulo à renovação da vida consagrada” (29/f).

Esta proposta já vem sendo praticada, em parte, com projetos próprios de algumas Congregações, ou muitas vezes espontaneamente. Mas o fato de aparecer no *Lineamenta* é

um grande incentivo. Além disso, o TP anima os contemplativos(as) e monges(as) a organizarem sua presença em vista desta Pastoral da Espiritualidade. Nós, consagrados e consagradas, temos um tesouro muito rico, e devemos partilhá-lo. Inclusive para nós esta partilha é uma riqueza!

CONCLUSÃO

Estamos diante de um texto de muitos traços: de um lado doutrinal, ambíguo ou pouco claro, limitado quanto às questões mais polêmicas, e repetitivo em relação a Documentos anteriores; por outro lado, um texto cheio de brechas, que valoriza os carismas e possibilita o “novo”, que se abre à opção pelos pobres e ao ecumenismo, e tenta situar a vida consagrada no horizonte de uma Nova Evangelização.

Como texto provisório, não podemos super-valorizá-lo. Mas devemos refletir, avaliar e partilhar nossas impressões, para que o que é provisório não se torne definitivo por falta de participação nossa. Sobretudo, neste processo sinodal, tenhamos *liberdade* para ler sem preconceitos, *coragem* para as devidas críticas, e *amor* em relação àquilo que de profético o Espírito já está semeando e espera de nós o devido cultivo.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. O autor insiste desde o início do artigo que este Sínodo possa ser um “*kairós* feito em *mutirão*”. Vá-

rios segmentos da Vida Religiosa brasileira não acreditam nesta possibilidade e desinteressam-se em contribuir com sua contribuição. O que você pensa desta atitude? Que contribuição e reflexão sua comunidade concreta tem feito?

2. Tendo o texto dos LINEAMENTA (Ed. Paulinas) em suas mãos, procure fazer uma leitura do mesmo de forma seguida, acompanhando as re-

ferências propostas na "leitura geral" do presente artigo.

3. Entre os vários temas citados: seguimento, novidade carismática e profética, o novo e seus sujeitos, a inculturação, ecumenismo, pastoral da espiritualidade, quais parecem ser mais significativos na realidade congregacional em que você está inserido(a)? Onde estão as urgências?

Estruturas mais efetivas para a paz e a justiça

Perante as tensões e os conflitos que um número demasiado grande de povos tem suportado durante tantos anos — refiro-me em particular à Região do Médio Oriente e a alguns países africanos —, na nova situação que se foi criando a partir dos acontecimentos de 1989 — especialmente face aos trágicos conflitos que agora estão a verificar nos Balcãs e no Cáucaso —, a comunidade internacional deve estabelecer estruturas mais efetivas, para a manutenção e a promoção da justiça e da paz. Isto implica um conceito de interesse estratégico que se desenvolva, tendo como fundamento o pleno desenvolvimento dos povos, distante da pobreza e rumo a uma existência mais digna, distante da injustiça e da exploração e rumo a respeito mais plenos pela pessoa humana e pela defesa dos direitos humanos internacionais. Se os Estados Unidos da América e outras Instituições internacionais, mediante a cooperação inteligente e honesta de seus membros, conseguirem defender de maneira efetiva as populações mais miseráveis, tanto as vítimas do subdesenvolvimento, como as vítimas dos conflitos ou da violação maciça dos direitos humanos, então haverá realmente esperança para o futuro, pois a paz é fruto da justiça. *João Paulo II, em Denver, EUA, no dia 12 de agosto de 1993.*

Jovens, sede testemunhas do amor

Jovens, vós sois uma parte especial da herança de Cristo, o povo redimido pelo amor do Redentor. Tende coragem diante das dificuldades e as injustiças da vida! Empenhai-vos na luta em favor da justiça, da solidariedade e da paz no mundo. Oferecei as vossas jovens energias e os vossos talentos para a construção de uma civilização de amor cristão. Sede testemunhas do amor de Deus pelos inocentes e pelos indefesos, pelos pobres e oprimidos. *João Paulo II, em Denver, EUA, no dia 13 de agosto de 1993.*

MODERNIDADE E VIDA CONSAGRADA

*O essencial é ser homem e a religiosidade
é um modo de realizar-se a humanidade.*

Pe. Victoriano Baquero, s.j.

Rio de Janeiro, RJ

INTRODUÇÃO. Leo Scheffczyk, na sua obra: "O Homem Moderno e a Imagem Bíblica do Homem" (1) descreve, com muita agudeza, os efeitos da modernidade sobre o homem da atualidade. Creio ser de grande importância lembrar este autor para vermos, também, os efeitos desta mesma modernidade sobre o homem consagrado na Vida Religiosa. A modernidade afeta a todos os homens e o religioso continua sendo homem até o fim de sua vida. O essencial é ser homem e a religiosidade é um modo de realizar-se a humanidade, ou plano de Deus sobre esse homem que se agita por descobrir saídas ao beco em que se meteu voluntária ou involuntariamente.

2. O HOMEM DA MODERNIDADE. Segundo o autor, acima citado, "é um humano que reflete sobre si mesmo, tanto como o homem do passado. Possui uma consciência histórica muito sutil que

lhe ajuda a penetrar nas profundezas da natureza, na história do espírito e na responsabilidade em relação ao mundo que evolui rapidamente. Ele se vê obrigado a evoluir com os avanços da ciência positiva e é induzido a definir o lugar que ocupa neste mundo, a definir que seja isso que chamamos "homem". O homem religioso também fica envolvido neste perimundo evolutivo e fervilhante.

2.1. DA SEGURANÇA DO PASSADO À INSEGURANÇA DO PRESENTE. A ordem metafísica do passado era o fundamento da segurança mental e afetiva do homem da antiguidade. O pensar humano era firme porque a verdade, rocha de sua fortaleza, era inalterável. Da inalterabilidade da "verdade" nascia o sentimento, vida afetiva, de segurança.

2.2. O DESCARTE METAFÍSICO. O homem moderno elimina a ordem metafísica e o Absoluto que sustentava a ordem e tranquilidade. Eliminada a rocha que sustentava a ordem, sobrevém a "in-

(1) Scheffczyk, Leo, O Homem Moderno e a Imagem Bíblica do Homem, EP., São Paulo, 1976.

segurança e incerteza". É algo do que acontece com o pessoal que migra do interior para as grandes cidades: o seu mundo de roça esfalela ficando atordoado diante do novo e do grande. É verdade que, nesta implosão, fica sempre a saudade de voltar para o sertão de vida calma e tranqüila. O homem moderno vive dominado, fascinado, "por uma verdadeira necessidade espiritual que o leva a experimentar o fato de se ter convertido num enigma fascinante". Isto lembra a esfinge de Tebas inquirindo de Édipo a resposta à esfinge. E o homem passou do mundo da "clareza para a escuridão do enigma", da esfinge.

2.3. O CARÁTER ENIGMÁTICO. Se o homem não é o que secularmente se vinha afirmando, então, quem é esse ser? E o enigma começa a dar suas respostas, porque o homem não pode permanecer às escuras sobre si mesmo, pois o enigma se converteria em auto-destruição. Vejamos as conseqüências da passagem do certo para o enigmático:

3.1. O PENSAMENTO HUMANO DESINTEGRA. A conseqüência lógica do abandono da base absoluta do cosmos é a "dissolução de cada realidade e, em concreto, da configuração humana". O conceito unitário do ser humano é abolido e suplantado pelo conceito pluralista e confuso da vida e do homem. Este pluralismo tem em comum o fato de estar fechado dentro do mundo imanente. Assim acaba com toda escala supramun-

dana que venha determinar que seja verdadeiramente o ser humano.

3.2. DIVERGÊNCIAS ENTRE AS TEORIAS EMERGENTES. O pluralismo ressuscita o que pretendeu derrubar: a visão metafísica. As teorias tornam-se exclusivistas e absolutistas. O marxismo exclui o existencialismo. O realismo nega o idealismo e o biologismo positivista opõe-se ao evolucionismo otimista (Theilhard). Abandonada a globalidade (holisticidade) humana, surge com toda virulência a fragmentação do homem.

3.3. AS PARTES CONSTITUEM-SE EM TODO. O que o homem moderno busca é a unidade e totalidade do ser. Nesta empresa confere às partes o caráter absoluto que negou ao todo. Confere-se aos restos fragmentários o valor do "todo almejado". Deste modo a violência sobre o todo gera a violência sobre as partes. Esta violência metafísica é que vai gerar a fonte perene do homem angustiado da modernidade. Pretender que um braço banque o organismo todo é uma violência funesta para o todo do organismo. De modo semelhante ocorre nas violências de caráter filosófico e psicológico. Querer incluir todo o homem numa parte dele, é violência que deixa marcas na área mental e, sobretudo, na afetiva.

3.3.1. O DOGMATISMO DAS PARTES FRAGMENTADAS. O dogmatismo metafísico invade os fragmentos do mesmo dogmatismo que foi desterrado do todo. As respostas fragmentárias se apresen-

tam com a pretensão de doutrinas verdadeiras. E a pretensão é tanto mais fanática quanto menos corresponder à realidade global do ser humano. O fragmentarismo torna-se metafísico. Ele é o único valor supremo para a modernidade.

3.3.2. OS SINAIS DA DESINTEGRAÇÃO. A fenomenologia da desintegração é captada em toda atividade humana, como na arte moderna pictórica, nos ensaios literários, na música, na moralidade, na libertinagem dos costumes e na sofreguidão na busca das drogas como forma de fugir ao sóbrio e comum do homem antigo. Até o homem da modernidade tenta adaptar-se à desintegração da realidade e de si mesmo. "O mundo é caótico e temos que conviver com ele".

3.4. INFLUÊNCIA IMPERCEPTÍVEL DA MODERNIDADE. Mesmo que o fragmentarismo não entre na consciência geral de humanidade, principalmente, pela sua multiplicidade, unilateralidade e construção abstrata, como se dá no existencialismo e marxismo, cujo poder de penetração se devia mais ao poder externo do que ao interno, contudo o seu poderio de influência na prática da vida é sutil e amplo.

3.4.1. INFLUÊNCIA IMPONDERÁVEL. Parece óbvia a não penetração das concepções antropológicas modernas na massa, porém é assimilada em forma de "imponderáveis germes" e de "meros vestígios que exercem influência sobre a consciência vital". Não consegue "ateus", "existencialistas", "huma-

nistas" declarados, mas são capazes de criar uma atmosfera que modifique a avaliação dos comportamentos básicos e que alimente tendências desagregadoras de modo imperceptível e sutil.

3.4.2. COMO INFLUI CADA TEORIA? O materialismo dialético atrai pela predisposição para o social, nervo da consciência moderna. O humanismo libertador leva o homem a tornar-se maior de idade favorecendo a auto-responsabilidade. O existencialismo enfatiza o ser humano em si mesmo e na sua originalidade existencial avolumando a auto-consciência do homem atual. É mesmo que não adira plenamente a nenhuma destas tendências, contudo fica preso no seu fluido mental, como se fosse um ressonador sintonizado com os impulsos subterrâneos da vida.

3.4.3. A ABERTURA INTELLECTUAL. Hoje não existem áreas fechadas nem mental e nem religiosa. A comunicação entre ideologias e pessoas é cotidiana, pois os meios de comunicação levam os germes das novas doutrinas a entrarem em toda a parte, inclusive, nos conventos dos religiosos. O quadro negro da TV é a escola por onde se veiculam as novas ideologias em forma de telenovelas, filmes, mesas redondas, comerciais perenes, da modernidade. As novas ideologias adquirem uma "invisível onipresença". Essa presença silenciosa e sutil pode provocar modificações inconscientes sobre o pensar das pessoas, ao modo de "infeções" incontrolláveis, que inter-

ferem no comportamento, onde está a "periculosidade" das antropologias modernas.

4. OS EFEITOS INDIRETOS DA FRAGMENTAÇÃO. Leo Schefczyk aponta com agudeza singular e psicológica os seguintes efeitos:

4.1. O PLURALISMO DAS CONCEPÇÕES do mundo e da vida que domina o interior das pessoas até daquelas que continuam cultuando os critérios do passado, no caso dos religiosos, são atingidos em cheio pela força impregnadora do pluralismo reinante na nossa sociedade. E deste pluralismo vai nascer:

4.2. O PERIGO DO RELATIVISMO. Do pluralismo decorre a "impossibilidade de uma norma unitária do ser humano". Desta impossibilidade, pelo menos lógica, nasce espontaneamente o filho natural do relativismo. Este, por sua vez, fere mortalmente o absolutismo metafísico e conduz lentamente à relativização da vida, do homem e das normas do agir humano. Não existem mais normas incondicionais e o relativismo nos leva da mão ao

4.3. AGNOSTICISMO PRÁTICO. Como não é possível conhecermos a norma absoluta, como gabarito de referência, nasce dentro de nós a desconfiança, dúvida do constante e do universal. O pensar firme do passado fica corroído. A rocha do humano geral é solapada e a perda do conceito antropológico, mesmo que pareça continuar por debaixo do psiquismo

humano, contudo, aos poucos, vai levando as pessoas, também, religiosas ao:

4.4. INDIFERENTISMO. Registrada a implosão da antropologia antiga, a pessoa não se atreve e nem quer assumir uma "decisão" diante do pluralismo e acaba por "abrir-se a todas as correntes ideológicas", porque o indiferentismo pode disfarçar-se como pretexto de que se trata de alcançar uma humanidade mais abrangente, "uma humanidade integral". Deste modo atinge os setores conservadores. Aceita-se o otimismo metafísico da evolução permanente e, ao mesmo tempo, se admite o trágico existencialismo do homem como um fracasso e beco sem saída. Aceita-se o ideal de uma sociedade democrática de massas e a igualdade de todos, frente à ética aristocrática da personalidade livre. E se refletimos um pouco, observamos que, depois das mudanças na área intelectualiva, estamos entrando na dos sentimentos, como é o indiferentismo e a:

4.4. ESQUIZOFRENIA EXISTENCIAL É AFETIVA. Aparece na rede psíquica, logicamente, a cisão mental. Surge a opção pelo contraditório, pelo mentalmente incompatível. De modo que "a simultaneidade de esferas no existir, leva as pessoas a agirem contra o que pensam e falam. Na esfera interna, vivem segundo os impulsos e, na externa, são puritanos, íntegros. O mundo externo da ONU invoca a "paz perfeita" entre as nações e pouco ou nada se faz para que, de fato, a paz surja de vez.

O grande desejo de unidade interna, num mundo que externamente se agrupa (unifica), tem como contra-resposta a resistência interna nascida do egoísmo privado e nacional. O ideal de unidade é laçado pelo egoísmo coletivo e individual altamente descarado e solapador. E o que era, apenas, ideologia, passa a ser endotímia, problema afetivo humano, aparecendo a:

4.6. APOSTASIA SILENCIOSA. A cisão interna cria, conseqüentemente, esfriamento na área religiosa do povo em geral e da VR, em particular. Assim aparece "o cristianismo dominical" frente ao "paganismo dos dias de trabalho". Proliferam os cogumelos da "Ética da situação"; a "Mística do pecado"; a "Heresia da vida prática" que sem defendê-la explicitamente se vive ingênua e irrefletidamente. Ignorada a norma básica, crescem logo o relativismo, indiferentismo e a desagregação humana que "desafia a idéia cristã do homem". E o homem torna-se total e exclusivamente problemático. "Uma geração que não sabe o que é, mas também sabe que não o sabe" (Max Scheler).

4.6. ATÉ A JUVENTUDE É AFETADA. A educação e cultura são invadidas e afetadas. O dinamismo interno das teorias afetam os jovens. A autoridade abrandou as diferenças entre jovens e velhos; o companheirismo avolumou-se; a impressionabilidade do jovem, sua tendência ao novo e original facilita o psiquismo juvenil a aderir a estas idéias. O chamariz do pro-

gresso substitui o modelo fixo e absolutista. O relativismo, indiferentismo e racionalismo exercerão fascínio na juventude. Não levando a uma rutura clara com a ética cristã, contudo "age no sentido de emitir decisões inconscientes prévias que tornam ilusória a decisão consciente em favor da atitude cristã".

4.7. VIDA RELIGIOSA É AFETADA. Vimos que a juventude é impactada no seu agir e também a Vida Religiosa experimenta os vírus desta gripe modernista. O religioso da modernidade dificilmente aceita pontos absolutos na sua caminhada. O fruto endotímico das elites da modernidade é a angústia existencial, pois essa mesma ansiedade e inquietação interior é experimentada pelo cristão e, em concreto, pelo religioso. A angústia existencial é o fruto legítimo do indiferentismo e relativismo da modernidade. O golpe fatal, pois é letal, contra a VR, vem da esquizofrenia moderna que sem permissão entra na cela solitária do monge deixando-o sem rumo e, logicamente, em estado crônico de inquietação e perturbação.

5. A GRAVE MISSÃO DO CRISTÃO. Certamente será a de reencontrar a segurança e paz do ser humano vivida no passado. Como o educador moderno deve transmitir a verdade cristã capaz de promover a esperança frente ao desespero atual? Precisa "reedificar" o novo cristão que vive, na atualidade, oscilando entre o chamariz brilhante das diferentes propostas antropológicas. Sem perder os valores perenes da antropologia cristã que,

sem dúvida, pode salvar os alvos das antropologias modernas sem perder a globalidade da visão bíblico-cristã. Neste sentido creio por meio dos processos afetivos, "moções", pode indicar ao homem da modernidade qual seja a visão antropológica mais ajustada à realidade moderna. Sabemos, pela experiência, que o passado absoluto gerava, no íntimo do ser humano, uma experiência de ajustamento, de paz e segurança. Por outra parte, também temos experiências posteriores de sentimentos de angústia, de perda do sentido da vida experimentados freqüentemente pelo homem da modernidade. Talvez, por aí, esteja o caminho de volta a um passado que resgate os valores metafísicos permanentes do passado que, junto aos valores da modernidade, devolva o homem para o mundo da esperança, da paz consigo mesmo. A angústia como fruto da violência metafísica exercida sobre o homem do passado. O discernimento inaciano pode ser uma alavanca de grande poder para recolocar, de modo sábio, as coisas no seu devido lugar, pois quando as coisas, o homem, estão no seu devido lugar, então o fruto normal é a harmonia interior e dela surge a paz do espírito, que é o que o homem moderno está buscando. Para compreendermos, por via analógica, o que fez a modernidade com a estrutura espiritual do homem, imaginemos que a engenharia genética, por vias novas, construa um homem em que se enfatize uma parte sobre o todo, por exemplo, fortalecer o coração com detrimento do estômago e do siste-

ma nervoso. O que aconteceria? Logo o organismo começaria a acusar os efeitos desta violência: a dor, sofrimento. Estes logo denunciariam os erros das alterações, do desvio das funções de cada membro estruturado segundo um modelo chamado "normal". Tudo quanto contrariar este modelo será fonte de sofrimento. Isso significa que existe uma ordem estrutural humana que deve ser respeitada. Quanto maior for a desordem instalada no organismo, a experiência dolorosa será maior. Isso que a medicina respeita com toda a fé de que recolocando o membro deslocado no seu devido lugar o organismo voltará à ordem anterior, à paz, sinônimo de saúde, as antropologias da modernidade rejeitam ao se tratar da ordem estrutural do homem global e o resultado é a dor, sofrimento psíquico ou perda da saúde interior que chamamos de harmonia interior.

O que se vê claramente na ordem médica, não se percebe na ordem psíquica, porém os efeitos são tão convincentes como os da ordem clínica: dor, sofrimento. Como se evita a dor somática? Recolocando cada membro no seu devido lugar. Como realizar a harmonia psíquica? Recolocando cada função humana no seu devido agir. Nesse mesmo momento, o psiquismo voltará a experimentar a saúde e harmonia interna frente à inquietação atual do homem moderno.

Hoje se obriga, violência psíquica, às partes a realizarem o que é função do todo. Cada função psi-

quica tem uma tarefa determinada a realizar dentro do todo e o todo sentirá o alívio da harmonia contra a inquietude do mundo moderno no momento em que se respeitá a ordem estrutural, como faziam os antigos. Os efeitos na vida afetiva são indicadores de que as funções psíquicas estão sendo violentadas. E violência psíquica, também, gera violência somatizada na experiência de inquietação, de angústia vital e de malestar interno. Voltar ao absoluto metafísico, com os lucros da modernidade, é o único modo de reencontrarmos a saúde psíquica que nós chamamos com o nome de paz. Essa paz que o jovem e o Religioso estão buscando sobre as cinzas de um passado saudoso. Julgo que já se tem falado demais sobre a crise humana, em geral, e da VR., em parti-

cular, e que chegou a hora de estudarmos novos modos de recolocar a humanidade e a VR, em condições de voltar a experimentar os frutos da harmonia e da paz interior. Os resultados desta análise morbosa sobejamente os conhecemos, e de continuar, levarão à destruição da VR., assim como levou o homem da modernidade à neurose existencial. É muito fácil descobrir erros e muito difícil descobrir formas de corrigi-los. Esta tarefa é o teste que descobrirá as pessoas com elevado índice de criatividade, frente às pessoas com elevado índice de destructividade. Destruir é fácil. Construir, difícil. A originalidade se manifesta na capacidade de descobrir modos de gerar vida, porque para destruir não se precisa nem ser inteligente. As enchentes também destroem.

BIBLIOGRAFIA

1. Frankl, Viktor E. *Psicoerapia e Sentido da Vida*, Quadrante, SP, 1986.

2. Ruiz de la Peña, Juan Luiz, *Imagem de Dios, Antropologia Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Santander, 1988.

3. Ruiz de la Peña, Juan Luiz, *Las Nuevas Antropologias. Um reto a la Teología*, Sal Terrae, Santander, 1983.

4. de Sahagún Lucas, Juan, *Antropologias del Siglo XX*, Sígueme, Salamanca, 1983. (MOVIR01.DOC). □

Em Cristo todo o amor do Pai

Em Jesus Cristo, o Pai exprime a verdade inteira a respeito da criação. Creemos que na vida, na morte e na ressurreição de Jesus, o Pai revela todo o seu amor pela humanidade. Eis por que Cristo chama a si mesmo 'a porta das ovelhas'. Enquanto porta, Ele vela sobre as criaturas a Ele confiadas. Conduz-nos às boas pastagens. "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim salvar-se-á. Entrará e sairá e achará pastagens", Jo 10, 9. *João Paulo II, em Denver, EUA, no dia 14 de agosto de 1993.*

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1993

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1993. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC
Rio de Janeiro, RJ

ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de — Desafios missionários hoje na Vida Religiosa	266/459
ANCHIETA, Pe. José de, SJ — Inculturação nos primeiros tempos: um relato de Anchieta	261/163
ANJOS, Pe. Márcio Fabri dos, CSSR — Inquietações da Vida Religiosa no Brasil	259/12
— Vida Religiosa e a nova face dos pobres	267/561
AZEVEDO, Marcello de C., SJ — Amar em castidade	261/141
BAQUERO, Pe. Victoriano, SJ — Modernidade e Vida Religiosa	268/632
BARCHIFONTAINE, Pe. Christian de Paul de — Seminário Nacional saúde comunitária	266/451
BARTHOLO JR., Roberto S. — Com os olhos do coração	266/506
BOFF, Fr. Clodovis M., OSM — O "Evangelho de Santo Domingo ..	267/569
BRITO, Pe. Alberto Teixeira de — Formação para um novo milênio	267/527
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — Aproximação, solidariedade, Identificação	266/497
— Conclusões de Santo Domingo. Roteiro de Estudo	262/224

CANSI, Frei Bernardo, OFMCap — O Catecismo para a Igreja universal	259/49
CARLI, Pe. Mario de — Formação na África Negra	267/541
CASAGRANDE, Fr. Moacir, OFMCap — Inserção e profecia cotidiana	265/439
CAZAROTTO, Pe. José Luiz, SVD — As finanças da Congregação e a Vida Religioso-Missionária	261/131
CNBB — 31ª ASSEMBLÉIA GERAL — Promoção dos valores éticos ..	264/377
COMBLIN, Pe. José — Algumas interpelações aos Religiosos depois de Santo Domingo	264/326
— A moradia e os cristãos	260/67
COMISSÃO TEOLÓGICA DA USG — Padre Religioso ou Religioso Padre?	261/187
CRB — GRMC — Sonhos e Sementes	265/411
CRB — GRIMPO — Encontro de Grupo de Religiosos inseridos em meios populares: Grimpo, Cone Sul (Informe da CRB)	265/388
CUSTODIO FILHO, Pe. Spencer, SJ — Vida Religiosa e inculturação do Evangelho	264/338
ENZWEILER, Ir. Maria Angelina, IMC — A Criação e a Vida Religiosa (Informe da CRB)	264/323
EQUIPE MISSIONÁRIA SALESIANA — Missionários e Índios: 90 anos de convivência	261/166
FASSINI, Pe. Atico, MS — Seminário de espiritualidade bíblica	266/452
JOÃO PAULO II — No VIII centenário de Clara de Assis	267/522
JOHNSTON, Ir. John Calvert, FSC — Novas perspectivas para os Reli- giosos Educadores	262/195
LEERS, Frei Bernardino, OFM — Santo Domingo e a Reconciliação	263/286
LIBÂNIO, Pe. J. B., SJ — Jesus Cristo ontem, hoje e sempre	260/77
MAÇANEIRO, Marcial, SCJ — Espiritualidade reparadora do Coração de Jesus, hoje	263/314
— Vida Religiosa: Igreja em Êxodo	259/38
MAÇANEIRO, Marcial, SCJ — Um Sínodo para a Vida Consagrada ...	268/613
MALDANER, Ir. Maria Fátima, SND — Prática da Oração Pessoal	268/591
MARESCHI, Ir. Rosa, MC — Missão: da América Latina ao mundo ..	266/492
MARIN, Pe. Darci Luiz, SSP — A Vida Religiosa em confronto com os ídolos	268/605
MASI, Pe. Nicolau, SX — As utopias de Lucas: Comunidade e Evan- gelização	261/174
MOSER, Frei Antônio, OFM — A concepção ética no texto de Santo Domingo	262/217



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de dezembro de 1993

BOAS FESTAS DE NATAL!

*No princípio era o Verbo. E o Verbo estava em Deus. E o Verbo era Deus.
E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, Jo 1, 1.14.*

No princípio: na eternidade, antes de toda criação, preexistindo em natureza pessoal, subsistente e personificado. **E este Verbo se fez CARNE!** Expressão forte de desprezo pela condição humana. O homem em oposição a Deus. Sua fragilidade. Sua mortalidade. O mais profundo rebaixamento. A marca registrada de limitações intransponíveis. O realismo antidocetista da vinda do Verbo, sua enCARNAção. Homem verdadeiro, um como nós. **E habitou entre nós. Nós vimos a sua glória.** Com os olhos corporais. Nós vemos também, no presépio, a mesma glória com os olhos da fé. O próprio Deus nesta carne. Sua glória e fulgor velados. Eles viram. Nós continuamos vendo a glória própria da divindade invadindo a humanidade de Cristo.

É NATAL! Boas Festas! Jesus nasceu! Tornou visível e próximo Deus invisível. A invisibilidade de Deus desapareceu com seu aparecimento. É ele a verdadeira história da presença de Deus entre nós: o provisório, o temporal, o relativo, como expressão do absoluto, do eterno, do incriado. Tudo isto é um escândalo para a razão. Um escândalo conservado ciosamente e afirmado continuamente. É a fé. É o absurdo da linguagem do amor. Quando o amor se intensifica, suas manifestações escapam às regras da lógica humana.

É NATAL! Boas Festas! Jesus nasceu! O mediador perfeito e necessário de uma salvação universal e definitiva. O revelador do Pai. Seu mensageiro. Filho de Deus, Filho próprio, de forma única e singular, filiação divina natural. A autêntica face de Deus. Também homem verdadeiro, da nossa espécie humana, nascido da Virgem Maria. **JESUS**, o centro e o coração do homem, da história e da natureza. O único que lhes permite realizar seu sentido, seu dever-ser, sua esperança.

É NATAL! Boas Festas! Jesus nasceu! O Cristo de Deus, seu consagrado, seu eleito, seu ungido, aquele que sua alma prefere. A resposta cabal de Deus ao mistério do homem. A razão de nossa fé e o horizonte de nossa ação. O preço de nosso resgate da escravidão, da morte, do demônio, do pecado. Nele todos os homens devem se encontrar para encontrarem Deus.

É NATAL! Boas Festas! Jesus nasceu! LOGOS de Deus encarnado. Deus, um silêncio de indizível majestade, revelou seu poder através da criação. Fez conhecer sua vontade enviando seus mensageiros. E neste dia, o dia do seu beneplácito, desfez seu mistério incompreensível, imperscrutável, invisível. Falou distinta e claramente em Jesus de Nazaré, a Palavra pela qual ele rompeu o seu silêncio. Jesus, LOGOS de Deus encarnado, uma jubilosa profissão de fé neste nosso louvor.

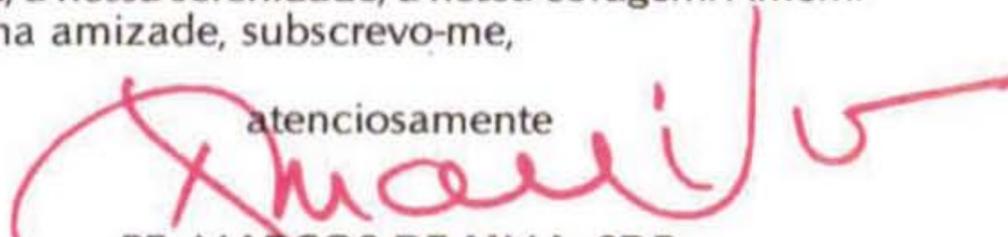
NATAL, tempo de grande elevação espiritual. Faça brotar, no recanto mais recôndito de suas nostalgias inconscientes, no inexprimível mundo do subconsciente, faça brotar, incessantemente, ao ritmo da respiração, como prática e valor insuspeitável, aquele grito dos primeiros cristãos: **MARANA-THA!** Vem, Senhor Jesus! Como ressonância quase imperceptível, haverá de sintonizar, dentro de si, a voz do Espírito que une o seu grito ao grito da Esposa, sua Igreja: **VEM!**

JESUS, o cerne, a medula, a referência, a pedra angular, o tronco. O mistério inefável que dá à nossa vida um sentido totalmente novo. O mais forte. O núcleo de força mais essencial. Não há motivo para temer. Quem ficar do lado dele vai vencer. Vai viver. Vai sobreviver. Vai ter a paz. Ele é a nossa paz. Ele é tudo. É o nosso Deus-Salvador. Não há debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos, afora o nome de **JESUS**. Nele, o coração do homem se abre a um horizonte de esperança sem fim.

BOAS FESTAS DE NATAL! FELIZ ANO NOVO DE 1994!

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Amém. Ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente


PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável/Convergência